



## TRANSCRIÇÃO COLETIVO PERIFANÁLISE<sup>1</sup>

[00:00:50]

[PAULA ELOISA JAMELI] Começamos?

[HEIDI TABACOF] Começamos!

[PAULA ELOISA JAMELI] Começar... Mandando um salve pra geral, diretamente aqui da Favela Galeria. Eu sou a Paula, membra da Perifanálise São Mateus. Esse é um espaço cultural e artístico construído por muitas mãos e também é um espaço onde a Perifanálise ocupa para fazer os atendimentos e, entre outras coisas, que são eixos de trabalho que compõem o nosso trabalho.

Bom, me apresentar: meu nome é Paula Eloisa Jameli, eu tenho 48 anos, sou moradora do território de São Mateus também há 48 anos. Nasci e me criei aqui. Tenho dois filhos, sou mãe, de dois jovens já adultos, Leonardo e Luíza. Sou filha de um casal de caipiras, nascidos no interior de São Paulo, numa cidade chamada Socorro, migraram aqui diretamente para São Mateus, assim como muitas famílias que fazem as suas migrações em busca de uma vida melhor, melhores condições de trabalho.

Eu sou a primeira filha, depois de mim meus pais pariram a minha irmã Patrícia, depois o meu irmão Paulo. Eu brinco que acho que o meu pai gosta muito do nome dele, porque o nome do meu pai também é Paulo.

E, enfim, acho que minha história começa aí.

Eu também tenho três gatos: o Pulga, a Charlie e a Praga.

E tenho um outro gato também, que é um gato humano, chamado Brisola, que me faz muito feliz.

Uma outra coisa que me faz muito feliz também é cerveja. Gosto bastante.

---

<sup>1</sup> Para citar este documento, seja para fins acadêmicos ou outros, ressaltamos a importância de fazer referência, como autores/as, a: Ramos, E; Santos, J.; Jameli, P.; Bussola, R.; Rodrigues, R.; Aroca, T.; Rosa, V. Assim será mantido o compromisso com os direitos e com a autonomia desse Coletivo periférico, que não detém a facilidade de acesso a meios acadêmicos e à dinâmica academicista. O Coletivo Perifanálise não autoriza quaisquer (re)produções de obras acadêmicas, literárias ou outras sem a sua participação.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

E, enfim, poder dizer um pouco então agora acho que um pouco de como foi esse percurso até chegar na Perifanálise.

A Perifanálise está completando cinco anos, agora acabou de completar cinco anos de existência, né?

Bom, eu tive uma infância e uma adolescência muito livre nesse território. Pude livremente brincar muito nas ruas, explorar o entorno de São Mateus. Fui muito maloqueira, gostava de brincar de coisas de menino, vamos dizer assim, né? Carrinho de rolimã, a bolinha de gude, o empinar pipa... E pude aprender muito nessa vivência de rua. Eu acho que me ensinou. Não acho que é só pai e mãe que cria a gente, acho que o mundo cria a gente. E a gente, que está na periferia, tem muito essa criação, essa vivência da rua, sabe?

Escuto muito as pessoas falarem que essa coisa do brincar na rua pertence a uma determinada geração, que talvez as pessoas mais jovens agora não tenham essa coisa dessa liberdade do brincar na rua, seja porque as ruas agora foram sendo tomadas pelos automóveis... Enfim, parece que fazem uma certa distinção aí.

[00:05:22] Mas eu não acredito muito, assim, que isso pertença a essa coisa geracional ou não só. Eu acredito que isso pertença especialmente a uma vivência periférica, né? De quando eu venho aqui pra esse espaço da Favela Galeria, aqui na Vila Flávia, eu vejo, por exemplo, muitas crianças circulando nas ruas, como se isso fosse o quintal da casa. E de fato, é o quintal da casa. Porque a gente está falando de um espaço onde as casas são muito pequenas e as famílias são muito numerosas.

Então há essa interação, essa circulação, que as pessoas fazem nas ruas. E nessa circulação que elas fazem, elas se deixam afetar umas pelas outras e eu acho isso muito bonito.

E aí, bom, já que é associação livre... Eu tenho uma lembrança de quando eu era muito criança ainda, e resgatando um pouco desses que vieram antes de mim, que então eu e meus pais e minha família a gente morava numa casa bem pequena, uma casa bem antiga, uma construção bem antiga. Eu me lembro que o banheiro era no quintal, não era dentro da casa. A rua era de terra. Tinha um poço onde a minha mãe puxava a água ali para poder utilizar pra casa, pra alimentação, pra lavar louça e tudo mais. E num determinado momento... E aí a casa já estava bem pequena, porque aí os irmãos chegaram. E aí felizmente aconteceu uma surpresa, que foi quando o meu pai ganhou um bilhete da loto.



Pois é, meu pai, um caipira que veio da roça... Eu brinco com ele, eu falo: “Você só não foi morador de rua porque você teve a sorte de ter pessoas muito generosas que te ofereceram um carro para você dormir”. Então, meu pai era morador de carro. Mas ali ele teve a sorte de ganhar nesse bilhete da loteria. E então ele teve a brilhante ideia de dizer: “Bom, vamos desocupar essa casa que a gente vai reformar essa casa”.

Então a gente se muda pra uma outra casa e pouquíssimos dias depois acontece um temporal aqui em São Mateus, um vendaval muito forte e essa casa desmorona. E felizmente a gente não estava mais dentro desta casa e felizmente ali a gente pôde construir um outro sonho, construir uma outra casa, fruto de muito trabalho, mas também dessa sorte que meu pai teve. Ninguém ficou rico, mas a gente conseguiu ali construir um outro lar.

Essa é uma vivência que me marca muito, porque é poder me recordar também do quanto as coisas foram se modificando aqui nesse território, né?

Então, se antes a rua onde eu morava – e aí moro até hoje, porque ainda é a mesma casa. Essa rua era uma rua de terra que hoje é asfaltada. Com o passar do tempo, a periferia foi ficando cada vez mais nas ruas de baixo. Hoje a gente está aqui nesse local aonde... Se a gente vai circular por aqui, a gente vai ver que existe um córrego grande aqui, existem vielas de terra ainda... E eu acho que isso me conta uma história e me faz refletir sobre como a periferia vai sustentando as ruas de cima, sabe? Essa periferia que sustenta o centro, sustenta centralidades.

Eu me lembro também que eu comecei a trabalhar muito cedo. Com 12 anos eu fui cuidar de crianças, das vizinhas, cuidar da casa dessas vizinhas. Eu acho que isso também nos dá notícias sobre como é que a periferia opera, né? Dessas, às vezes crianças ou jovens que precisam começar a trabalhar muito cedo mesmo, pra poder complementar uma renda, né?

[00:10:32] E essas mulheres, essas mulheres periféricas, na sua grande maioria mulheres negras e pardas, arrimo de família, que estão aí nessa batalha e nessa luta por melhores condições de vida.

Bom, depois... Depois disso eu trabalhei em alguns comércios aqui da avenida principal, da Mateo Bei, que tem aqui em São Mateus... E, um pouco mais tarde, eu fui trabalhar no centro...

E aí, bom, me casei, engravidei, fui mãe... Não necessariamente nessa ordem. Mas iniciei também a faculdade de psicologia. Essa faculdade de psicologia que deveria ser concluída em



cinco anos, ela foi concluída em nove. Porque ali era preciso interromper por falta de grana ou porque precisava cuidar da criança... Mas ela foi concluída! Eu acho que isso diz também de poder sustentar um desejo, por mais pesado que ele seja. Mas eu acho que deu super certo. Assim, quando eu escutava a professora Inês de psicologia, lá na quinta, sexta série, falando do Freud e aquilo me encantava e ali eu já entendia que era isso que eu queria e segui nesse desejo...

Fui trabalhar em empresas, fui trabalhar no universo corporativo, fiquei ali por mais de 20 anos, no Centro, na região da Paulista, na região da Sul... E foi um período onde eu me distanciei muito do meu território.

Foi uma experiência muito interessante, muito rica para mim, do ponto de vista de que: “Bom, sim, as pessoas que nasceram e cresceram na periferia, elas podem e devem ocupar qualquer espaço que elas queiram, ir trabalhar onde elas querem trabalhar”. E o mais curioso foi que durante todo esse período, mesmo trabalhando em áreas de recursos humanos, e aí não era na minha área de formação, é importante marcar isso, mas a área de marketing, a área de comunicação, a área de treinamento, a área de planejamento estratégico... Eu sempre fui muito envolvida em projetos de responsabilidade social corporativa. Então acho que ainda que distante do meu território, esse significantes social ele sempre me acompanhou. Acho que desse acreditar que alguma transformação social é possível. E claro que, hoje, olhando para trás e podendo fazer a crítica, também poder entender o quanto que as grandes corporações muitas vezes se valem de lutas que foram construídas por movimentos, pela própria população, pra gerar e girar a engrenagem capitalista.

Mas ainda assim eu fico feliz, muito feliz por ter podido participar de várias experiências nesse sentido.

E aí, 21, 22 anos depois, eu volto pro meu território. Depois de uma reestruturação na última empresa que eu trabalhei e aí eu fui demitida e falei: “Bom, que tal se agora eu puder, já com os filhos crescidos e um pouco mais madura talvez, talvez agora eu possa trabalhar na minha área de formação”.

[00:15:05] E foi aí que eu tive um grande encontro, assim, com uma vaga na área da Assistência Social, o serviço de medida socioeducativa em meio aberto, pra fazer um trabalho com adolescentes, chamados adolescentes em conflito com a lei. Depois eu fui entender que é a lei que está em conflito com o adolescente, que é o Poder Judiciário que está em conflito com a



## PSICANALISTAS QUE FALAM

periferia. E ali eu fiquei por cinco anos, que é também aqui nesse território de São Mateus. Então, depois de 20 anos levando duas horas pra chegar no trabalho e duas pra voltar, isso contando a ida pra faculdade durante determinado período... Eu pude então fazer esse retorno ao meu território e tive a grata surpresa de andar de pés descalços, de literalmente descer do salto pra entrar nas vielas, subir morro e conhecer a vida nas várias periferias que existem em São Mateus.

Bom, ali conheci mulheres incríveis, entre elas a Rosemeire, que também é membra da Perifanálise, e somos co-fundadoras junto com Jefferson. E eu me lembro que quando eu e a Meire saíamos para fazer visitas domiciliares, para as famílias, a gente ficava pensando: “Como é que seria se a gente pudesse ter ao nosso alcance, que a periferia pudesse ter, um dispositivo de escuta, de cuidados com a saúde mental, que não fosse necessário um trajeto tão grande, uma geografia tão apartada para poder acessar isso”, né? Sem contar que existe aí a parte do preço, essa inacessibilidade. E aí a gente ficava sonhando com isso. E eu acho que poder falar desse percurso já é poder contar um pouco da história da Perifanálise, porque se tem algo que nos une no Coletivo é a vivência periférica, de que cada um de nós passamos por isso. Acho que isso também é algo que marca uma identidade da Perifanálise, que foi primeiro por essas identificações que a gente foi se unindo, e foi fazendo essa construção, e pudemos criar essa identidade.

Então a gente foi caminhando nesse sentido, até que veio, na véspera das eleições presidenciais de 2018, ficamos totalmente causadas, assim, pelo fenômeno da ascensão bolsonarista, e ficamos a imaginar o que podia ser uma periferia que já sofre tantos abandonos e tanta falta de política pública... E falamos: “Bom, então vamos estudar, vamos estudar psicanálise”, né?

A gente já tinha, já fazia formação em institutos de psicanálise, mas aí fomos nos reunir para estudar, eu, a Rosemeire e mais duas mulheres, Priscila [Queiroz] e Graziela [Brianezi], sempre muito bem lembradas, depois decidiram fazer outros caminhos, mas esse foi o início, quando ainda não tinha o nome da Perifanálise, não tinha sido batizada ainda.

O batismo vem quando a gente faz então um encontro com o Jefferson e com um outro mano, que depois também não permaneceu. Mas aí a gente faz uma parceria aqui com esse espaço da Favela Galeria e a gente começa a ocupar esse espaço pra estudar e começa a pensar num dispositivo de escuta, de clínica.



E um grande amigo nosso, chamado Anselmo [Alves Jesus], que intermediou essa parceria, ele então pede pra sugerir um nome e eis que ele sugere a Perifanálise e a gente topa de cara porque tinha tudo a ver com aquilo que a gente tava sonhando.

Isso então foi em 2018.

[00:20:05] A Perifanálise ela já foi habitada por várias pessoas, pessoas que vieram, mas depois preferiram não estar mais ou escolheram outros caminhos, como eu já disse. Mas outras pessoas foram chegando. Hoje somos em sete, no que a gente chama de corpo organizativo. E eu admiro, assim, cada um na sua genialidade singular, até porque temos diferenças, não somos todos iguais, temos conflitos, tem muita treta, tem hora que tem muita treta! E ainda assim a gente vai criando maneiras de continuar habitando esse lugar e repensando a nossa prática.

Eu comentei a semana passada, numa reunião com a Perifanálise, que a Perifanálise ela é um pouco de um lugar para mim onde eu faço a minha retificação subjetiva, aonde eu posso olhar e posso rever a todo momento – e é a todo momento mesmo – a minha posição como mulher branca dentro desse coletivo, a minha posição como mulher branca atendendo uma periferia majoritariamente negra. Isso às vezes é muito doloroso, mas é de uma alegria, é de uma surpresa muito boa a gente poder se a ver com essas coisas e poder continuar habitando esse espaço.

Eu fiquei muito incomodada, assim, um pouco, quando eu soube que eu poderia ser a primeira que a fazer essa abertura, esse início, né? Porque coloca uma questão: “Por que é que tem que sempre ser uma pessoa branca pra falar primeiro? Por que numa mesa de debate sempre tem que ser as pessoas brancas?”. Mas aí, conversando com uma das membras, que é a Verônica, ela fez assim: “Paula eu acho que aqui tem uma outra via. É uma via de uma mais velha podendo começar a contar essa história”. E eu fiquei muito honrada de ouvir isso. E por isso que eu estou aqui, nesse lugar que é a Perifanálise que me acorda, que me acorda pra vida, que me dá cor, “a-cor-dar”...

E eu sou muito feliz de estar compondo com essas pessoas muito geniais que fazem parte desse coletivo.

Inclusive, quero agradecer muito você, Heidi, e sua equipe, por terem vindo até aqui, por terem topado estar com a gente aqui na quebrada. E por ter também topado essa divisão de tempo para que todos nós pudéssemos contar um pouco dessa história.



Acho que vou terminando por aqui... Mas mando um salve pra minha analista e mando um salve pros meus analisantes que eu acompanho na clínica, pra galera que compõe os nossos estudos, enfim, pro nosso território. Muito obrigada!

[HEIDI TABACOF] Obrigada. Cortou.

[PAULA ELOISA JAMELI] Ufa! (risos)

CORTE

[EQUIPE] As câmeras foram.

[HEIDI TABACOF] Senta um pouco mais assim...

Emília...

[00:25:00] [EMÍLIA DA SILVA RAMOS] É... Quando surgiu esse convite eu fiquei pensando no que falar, no que que eu tinha para contribuir.

Primeiro veio uma surpresa, porque diante de tantas figuras emblemáticas da psicanálise em São Paulo, Brasil afora, eu fiquei pensando no que falar, o que é que a minha história tem de diferente ou o que é que eu poderia falar sobre mim. E eu falei: “Eu vou falar sobre a Emília, da minha história, de onde eu venho, quem é a Emília e o quanto é difícil”, porque dá essa sensação de você estar se desnudando. E aí você vai pegando uma referência aqui e ali para poder saber o que falar. Mas a minha história é única.

Então a Emília é filha do Almir e da Zenóbia, filha de dois migrantes da Bahia e que chega em São Paulo muito pequena ainda, vai morar num lugar chamado Jardim Peri, lá na Zona Norte, e irmã de outras seis pessoas. Uma família imensa, né? E que o foco sempre foi muito o estudo.

Então meus pais cobravam muito estudo, né? E, muitas vezes na periferia, ter essa família mais estruturada é algo um pouco raro. Ter um pai, ter uma mãe, ter pessoas ali cobrando, ter pessoas que te deem basicamente uma estrutura mínima, que pra classe média, alta é muito normal, mas na periferia é um pouco raro. E nas vivências que eu fui tendo já enquanto adulta, que eu fui percebendo isso, o quanto que é raro ter essa estrutura familiar dentro de uma família



## PSICANALISTAS QUE FALAM

pobre, de uma família inter-racial, que foi o contexto em que eu fui criada. Meu pai é branco, minha mãe é preta. Cresci do lado da minha família mais embranquecida, e o quanto que muitas vezes essa negritude inclusive foi negada.

Estudei até o ensino médio. E durante o ensino médio trabalhei, estagiei. Então trabalho desde muito cedo. E a faculdade não era uma possibilidade: “já fiz o que boa parte das pessoas da periferia, até mesmo da minha família fizeram, fiz muito mais que eles, então vou tentar um curso, vou tentar alguma coisa”. Porque meus pais eram semi-alfabetos, então já fiz além do que era esperado.

Então comecei a fazer cursos. Comecei... Porque é isso, além dessa cobrança para estudar, tinha essa cobrança para poder fazer cursos, que era uma onda do momento, né? “Vai fazer curso de informática, vai fazer curso de administração, vai fazer alguma coisa”.

Então eu sempre fiz muitos cursos: administração, informática... fiz curso no Senac, fiz curso técnico... Até que chegou essa possibilidade da universidade.

Quando me perguntam: “Ah, mas por que psicologia?”. É... Eu não sei. Mas surgiu a psicologia na minha vida, né? Eu acho que ainda no ensino médio eu trabalhei com duas psicólogas numa agência de RH e uma era a dona da agência de RH e a outra era gerente. Não sei se surgiu dali. Mas essa questão do falar, do ser ouvida, de ter uma voz e de ter um bom ouvido, de ser empática com as histórias dos outros, eu acho que surgiu daí.

Vou aprofundar um pouquinho mais sobre isso.

E, já no primeiro semestre da faculdade, eu me encantei pela psicanálise. Nunca tinha ouvido falar em psicanálise, bem daquela forma... Como é que se fala? Bem caricata, que tinha nas novelas, de hipnose, essas coisas bem caricatas... E eu... Não me chamava muito a atenção aquilo ali. Mas quando eu comecei a ouvir sobre a escuta, sobre o inconsciente, muitas coisas foram fazendo sentido para mim. Porque eu vim de uma religião evangélica e que tinha uma angústia, tinha uma dor, tinha coisas que aconteciam que você não conseguia compreender de onde vinha aquilo ali, essa falta, esse não entender os sentimentos.

[00:30:31] Então, quando eu comecei a escutar Freud, né? Tenho muitas críticas a ele, mas foi o que me capturou.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Então a psicanálise foi dando sentido a coisas que eu não compreendia, que eu nunca tinha tido acesso. Psicanálise ou psicoterapia nunca tinha feito antes da graduação, nem imaginava que existia. Então... E na graduação isso foi me pegando, né?

Então eu sempre vou falando, principalmente no coletivo, quando eu peguei o diploma, eu falei: “Tá, eu estudei cinco anos e agora o que que eu vou fazer? Não tenho grana para bancar um consultório, não tenho... não conheço muitas coisas” ... Porque a graduação vai só pincelando muitas coisas, não conhecia muitas pessoas do meio, tudo o que eu ia pesquisar era muito caro, tudo o que eu ia ver não dava muita possibilidade, ou então era inacessível para mim...

E através do Instagram, né, em 2020 ainda, a gente tinha acabado de começar a pandemia, aquele apocalipse todo, e eu encontrei a Perifanálise.

E agora lá embaixo, conversando com a Meire e eu ia falando: “Nossa, nem sei como é que eu cheguei ali, porque eu não vim de coletivo nenhum, não conhecia muita gente, só que aquela coisa de “para-na-e com a periferia” me capturou. Eu falei: “Não, eu acho que é isso aí que eu quero, acho que é isso que eu estou buscando, que eu sempre busquei”.

E o quanto que foi dando sentido encontrar pessoas de outros segmentos, de outras vivências, de outros lugares de São Paulo.

E cá estamos, né? Construindo isso daí que a gente muitas vezes nem sabe o que é que é. Mas que estamos tentando com essa escuta, com o “para-na-e com a periferia” que muitas vezes é invisibilizada. E não tem esse olhar, porque quem sai da periferia, quem acessa a universidade, muitas vezes quer sair o quanto antes da periferia, para poder ganhar o mundo, para poder receber essa visibilidade.

E não! o meu propósito era o inverso: voltar para a periferia com o meu saber, com um saber básico, porque a gente nunca detém um saber de nada. Então, encontrar com essas pessoas que tinham esse mesmo olhar, que tinham esse mesmo desejo, que a gente fala muito do desejo – ser desejosos de estar dialogando com a periferia. Foi um encontro mesmo.

E é engraçado porque o quanto que a gente sabe que lidar com outras pessoas é difícil, mas ali, diariamente, semanalmente, a gente vai tendo essa noção mesmo.

E tô aí.

Quando... Pensando agora um pouquinho nessa mudança para a Zona Leste, porque quando eu morava ainda lá na zona Norte, também era periferia, mas era um pouco diferente,



## PSICANALISTAS QUE FALAM

porque a zona norte acaba sendo um pouco mais perto do centro, acaba sendo um pouco mais acessível, não era lá no miolo da favela ou da comunidade. E daí eu fui morar na Cidade Tiradentes e aquilo ali foi um susto, um baque para mim, porque eu sabia que tinha muita gente em São Paulo, mas ter uma dimensão assim, de pegar o trem 6 horas da tarde, aquilo ali foi uma loucura! E demorou pra eu gostar de morar neste lugar, que é muito precarizado, que é muito abandonado, né?

[00:35:00] Hoje eu moro em São Mateus, mas ali perto do Colonial, da estação do monotrilho, num contexto um pouco diferente de muitos anos atrás, né? E o que me possibilitou isso foi realmente essa graduação, trabalhar como psicóloga, nessa atuação enquanto psicóloga, e ter acessos, né? Eu sou uma pessoa que acredito muito na educação, nessa possibilidade da educação, que a educação traz. Estou sempre estudando, estou sempre aprendendo e levo isso pra minha família também, pros meus sobrinhos, que é algo que eu acredito. Porque acho que vir de uma cidade tão pequena, lá do interior do sertão... A minha família é de uma cidade chamada Xique-Xique, né? A música do Luiz Gonzaga, *Severina Xiquexique*, sempre lembro... Então sair de lá e hoje estar contando a minha história, não só aqui, mas em outros lugares, foi algo assim que eu nunca pensei, nunca foi algo que eu sonhei, que eu desejei que eu achasse que fosse possível. Porque a gente sempre acha que a nossa história não tem nada demais, que a nossa história é só mais um, só mais um no meio da multidão. Mas pensando nessa singularidade e pensando nesse percurso de que muitas vezes a gente não vai tendo uma segurança, vai achando que o que você construiu, o que você faz não é nada de mais, O quanto é difícil também ter uma autoestima, né? Porque você... Quando eu fui ver os vídeos eu falei: “Meu Deus, olha o percurso que essas pessoas têm”. Eu ainda tô engatinhando na psicologia, na psicanálise, não tenho uma formação, assim, nunca estudei em um instituto. Hoje não, não é possível para mim, porque eu trabalho na assistência social, então trabalho 40 horas semanais. Em quais horários que eu vou ter tempo para estudar num Instituto, para pesquisar que seja?

Inclusive a clínica sempre foi um desejo que eu tive, só que essa insegurança de tipo: “Será que eu vou ter paciente? Será que eu vou ter analisante? Será que a minha clínica vai ser buscada?”. Ainda bate muito forte porque demora muito tempo para a gente construir essa autoestima e essa segurança, né? De ir ali engatinhando, de se entender enquanto uma psicanalista. Eu consegui me nomear psicanalista na Perifanálise, tanto que a gente se nomeia



## PSICANALISTAS QUE FALAM

como perifanalista. Porque não é fácil vir de um lugar em que você não podia, de que você não tinha acesso, de que você foi criada – isso eu não falo só nesse contexto familiar, mas num contexto social mesmo – para produzir, para ser mais um, para ser um número, que a qualquer momento você pode ser substituído. Então, se eu estou num trabalho hoje, amanhã eu não sei se eu estou lá, porque eu saio de um lugar, amanhã tem dez querendo ocupar. Então ser peão, né? E o quanto que é difícil pensar: “Ok, eu desejo, eu quero a clínica, mas eu ainda não consigo bancar”. Não só financeiramente, mas nessa autoestima mesmo, de falar: “Não, eu vou lá, de peito aberto”. Porque as contas chegam, né? Você tem responsabilidades, você tem boletos o tempo todo ali e tem que ter uma cautela, tem que ter um pensar, muitas vezes engolir aquele sonho, aquele desejo e outras coisas virem na frente. Mas é algo que um dia eu vou... Eu tô aí caminhando devagar.

Mas o quanto que... Até mesmo esse lattes, né? Qual que é? Qual instituto que você estudou? Por que é que você se nomeia psicanalista? Só por conta da Perifanálise? Para mim sim, né? Eu sustentei, inclusive no Coletivo, dois grupos de estudos, um de *interpretação dos Sonhos* de Freud e um outro da Lélia Gonzalez. Muitas vezes só tinha uma pessoa e eu estava lá, não está, que foi o que sonhei eu que foi que eu idealizei. Outras pessoas foram saindo, começaram com quatro pessoas à frente e eu banquei aquilo ali.

[00:40:20] Então existe isso, né? De você bancar o que você deseja, apesar das inseguranças, apesar da autoestima que ainda está em construção, você bancar esse estudo que é muito difícil.

Eu tenho ciência de que muita gente está ganhando dinheiro aí, mas não, o que me sustenta ali é essa vontade de aprender, é de estudar esse contexto de racismo, de psicanálise na constituição, na construção aqui do Brasil.

Então, entender também violências, micro violências que fui sofrendo longo da vida e que não sabia nomear. E a Lélia é muito direta com isso. A Lélia pega ali no ponto dessa fragilidade branca, pega no ponto desse mito da democracia racial... Então ler ela tem sido uma leitura muito dolorosa, mas ao mesmo tempo libertadora, né? De coisas que eu não me via, não tinha acesso... Queria muitas vezes não ter ciência, porque parece que as pessoas que estão alienadas vivem melhor do que quem não se conforma com as coisas, né? Ou pelo menos a impressão que elas passam.



Eu acho que é isso assim.

Eu tô aí nesse percurso, trabalhando muito. Tenho clinicado também. Além do meu trabalho, eu faço clínica, tô na psicanálise, tô na Perifanálise, nas reuniões semanais... E o quanto de vezes que eu pensei assim de já escrever um textinho pronto: “Não isso daqui não é pra mim, não, eu acho que cheguei no meu limite. Estou cansada fisicamente, psicologicamente”. Mas aí, depois de uma reunião, aquilo ali dá uma renovada, dá uma revigorada. Não sei, assim, eu olho a psicanálise, eu costumo falar nos espaços que eu estou: “Parece uma entidade”. Assim, a gente fala dela como se ela fosse algo palpável e tem dado um sustento assim. E é algo que eu falo com muito afeto, porque foi um lugar que... A gente não tem um lugar físico, isso daqui não é nosso, é um desejo futuro meu e outros perifanalistas também têm esse desejo, mas dá esse conforto de encontrar... dá uma familiaridade. Eu tenho a minha família, tenho uma proximidade muito grande com meus pais, com a minha família, mas a Perifanálise me sustenta de um outro lugar, desse lugar do saber, do coletivo... Não sabia nem que tinham coletivos.

Ao longo da minha vida fui muito cercada de mulheres muito potentes, sobretudo, eu cresci com quatro irmãs, então sempre tive cercada de mulheres muito potentes. A minha família é muito matriarcal, então composta de mulheres muito fortes. A minha avó é uma mulher de 97 anos, então ela é uma mulher que criou três filhos sozinha. Então, sei lá, há 60 anos, 60 e poucos anos atrás, o quanto que isso poderia ser visto como uma vergonha. E ela bancou esse lugar.

A minha mãe foi uma mulher que nunca trabalhou fora, né? Então ela criou os filhos. Eu sei que isso na periferia é algo que pouco acontece, de estar levando na escola, de estar buscando, de ir nas reuniões, de estar ali muito presente. Então ter uma família muito presente, ter esse contexto familiar muito acolhedor, de ter uma vivência periférica bastante diferenciada.

[00:45:05] E às vezes eu fico me pegando também neste lugar de ter vivido numa bolha, de não ter tido muitas vivências que pessoas que cresceram na periferia tiveram. Então, às vezes eu fico pensando: “Nossa, será que eu era tão alienada assim?”. Porque realmente muitas vezes a igreja ela vai alienando a gente, vivendo num contexto que não é nosso, e ali existem muitos apagamentos, ali existem violências muito grandes.

Mas, assim, foi a criação que eu tive e eu acho que foi ela que me trouxe até aqui. Eu estou, sei lá, me reconstruindo diariamente, tendo esse trabalho com mulheres em contexto de violência doméstica, né? E o quanto que isso afeta diretamente. Porque eu estou vendo mulheres



## PSICANALISTAS QUE FALAM

ali que muitas vezes são parecidas comigo, histórias de vida não parecidas, mas corpos muito parecidos com o meu. E vendo... Você acaba até se sentindo privilegiada de não ter tido aquele tipo de vivência, mas que infelizmente todas nós estamos sujeitas a isso.

Então, não sei, assim, eu fico pensando muitas coisas... Às vezes a sorte que eu tive de ter me alienado, outras vezes de ter demorado um pouco pra ter uma sagacidade, de ter um olhar um pouco mais diferenciado. Mas eu acho que eu tenho gostado da mulher que eu me formei, estou em formação ainda, tenho me constituído.

Eu costumo falar que eu sou muito medrosa, mas eu sou medrosa, eu vou com medo, mas eu não arrego. Tipo assim: me dá uma tarefa, eu vou...

E fiquei pensando: “O que é que eu vou falar lá?” e o quanto que me desnudar aqui. Porque às vezes você falar sobre psicanálise, você falar sobre um assunto específico, falar de violência doméstica, falar, sei lá... Estudei logística: falar de logística, falar de administração, é algo que tem na teoria, mas é falar da minha vivência, falar do que eu sou? O quanto que dá a impressão de se desnudar mesmo, né? De você estar inteira ali e de você estar se mostrando, né? Me vem a imagem assim, de estar de frente com um espelho e me olhando assim... de o quanto que é difícil a gente se olhar, de quanto é difícil nós sermos empáticos com nós mesmos. Eu sou uma pessoa que me cobro muito, né? Me cobro uma excelência e o quanto que isso vai gerando um desgaste físico, emocional e que se eu não me atentar a isso, falar: “Epa, Emília, volta aqui, você vai adoecer, mulher! Tá doida?”. Então trazer essa chamada para mim mesma, porque às vezes a gente vai tendo uma cautela, um cuidado com o outro. E consigo mesma, não tem. Eu falo isso por mim.

E ainda tenho desejos de estudar fora, de fazer um mestrado... Mas parece que eu... que isso ainda é uma coisa de outro mundo, né?

E pensando assim: “Mulher, sossega, você já foi além do que você um dia imaginou. Para por aí”.

Mas eu acho que eu sou uma pessoa que posso me nomear como “inconformada”. Esse não é só um lugar onde eu posso alcançar, esse não é o ápice. E para a gente que é desse contexto periférico, estudar fora é algo assim de um em um milhão. Mas quem sabe, né? Um dia... Eu quero, desejo... Aquela menina que veio com quatro anos lá da Bahia, de pais semi-alfabetos, ainda tem muito mundo para desbravar.



Acho que é isso. Sou chorona mesmo. É isso, Acho que é isso.

[00:50:10] [HEIDI TABACOF] Tá bom. Obrigada.

CORTE

[HEIDI TABACOF] Te escuto.

[50:20] [ROSIMEIRE BUSSOLA] Obrigada.

Ah, acho que fiquei pensando assim no falar e resgatando um pouco dessa coisa do “psicanalista que fala”... Acho que a gente já fala, sabe? Eu fiquei pensando muito nisso, assim, no quanto que a gente começa o nosso trabalho na Perifanálise já falando, falando de onde a gente vem, do território que a gente pertence, do atravessamento da formação nas nossas vidas e como estar nos espaços de formação de psicanálise muitas vezes foi ser um estrangeiro em outro território, assim.

Então a gente já fala dessa experiência, desse lugar político e da importância mesmo de poder nomear as nossas vivências.

Então fiquei pensando um pouco por aí assim.

Mas também me senti muito desejosa de poder falar do que é que leva esse percurso da construção da Perifanálise, mas a minha pessoal enquanto analista periférica e uma pessoa interessada em ouvir outras pessoas no mesmo território.

E acho que começa muito antes de mim. Assim, tive na minha família o meu avô, o meu pai, minha mãe, minha avó... Eu sou filha única e nasci nessa configuração familiar. Meu pai é um homem negro, nordestino, que vem para São Paulo muito jovem. Minha mãe é uma mulher branca que vem do interior de São Paulo, uma mulher da roça, que ela falava que toda a vivência dela foi na roça, a história de vida dela na roça. E aí vem pra São Paulo desse interior, assim, vem para a cidade, que tinha muito essa conversa... E vem trabalhar, vem tentar a vida nessa cidade.

Eu moro num bairro mais distante ainda de São Mateus e a referência acaba sendo de São Mateus, porque o meu bairro ainda é como se ele estivesse em construção, ele ainda está



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

sendo construído, áreas de muitas ocupações, né? Minha casa foi a segunda casa, segunda ou terceira casa construída ali naquela rua e era literalmente tudo mato, né?

E meu avô, ele tinha muito hábito de me contar dessa história. Então ele me levava pra andar assim pelo bairro, pra andar pelas ruas, pra me contar de como tudo aquilo estava sendo construído, né?

Lembro de brincar no “terrão”, que a gente chamava, que era descer, assim, um grande morro de terra...

Então minha afetividade, essa construção de relação afetiva com o bairro foi a partir da palavra dele, muito do meu avô.

E, posteriormente, do meu pai, porque o meu pai, ele veio com uma linguagem assim, muito da pessoa desejosa pelo centro da cidade. Então, de tempos em tempos a gente ia pra “cidade” – que era como a gente chamava o centro. Isso acontece muito entre os colegas, a gente fala assim: “Quando a gente ia para a ‘cidade’...”. Pra “cidade”, porque a gente que vive nas quebradas, ir pro centro tinha muito dessa experiência de ir para uma outra cidade. Então meu pai me contava também muito dessa história.

E eu vejo como que me falar da cidade, me falar das ruas, me falar do território, me fez desejar muito essa clínica territorializada.

No meu percurso de formação eu passo por aí também.

Eu vou pra saúde mental pública e para clínica do acompanhamento terapêutico, fui ser A.T. também que eu acho que tem tudo a ver com essa minha história assim mais singular.

Mas nesse primeiro momento de vida, de desenvolvimento, essas vivências no território foram muito, muito marcantes. Com o meu avô, com meu pai, com a minha mãe, com a minha avó...

E um outro momento que eu acho que também foi um divisor de águas, foi quando... Eu sou filha única e eu era muito, muito solitária em casa, as brincadeiras, as coisas ali muito num mundinho ali... Na entrada da adolescência, muito restrito à casa, e eu começo a ir pra uma igreja evangélica, de uma parte ali do bairro que tava em construção e ali eu comecei a experienciar a noção mais coletiva e comunitária, nessa igreja.

Então eu acho que embora hoje tenha processos, assim, de críticas, eu não me esqueço dessa influência sobre o olhar pro território, a construção do laço de amizade, afetividade, esse



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

cuidado comunitário, assim, então isso eu aprendi na igreja evangélica, que é muito criticada nos últimos anos, mas que nas periferias, quando não tem nada, tem lá uma igreja evangélica, né?

[55:30] A Igreja católica tem na história uma grande presença, comunidades eclesiais de base, né? Mas com o aumento das igrejas evangélicas, eu vejo muito também esse espaço hoje como um espaço onde muitos jovens periféricos, muitas pessoas periféricas vão pra esses lugares encontrar um acolhimento. Então me lança de alguma maneira pra outras ruas do meu bairro, pra outros lugares do meu bairro, pra convivência com a juventude do meu bairro. Então isso foi um momento muito marcante.

Depois desse...

Ainda na igreja, eu começo a fazer a graduação de Psicologia e na graduação eu vou pro trabalho no serviço público. Acho que a graduação ela me permite entrar no serviço público como currículo, mas não como a história. Porque eu acho que a minha história nesse trabalho no SUS, que eu gosto muito, ele tem a ver com o que já tinha antes, assim... Quando os meus pais eles se conhecem, eles começam a namorar... O meu pai ele é um trabalhador de um serviço público da educação. Ele é o que na época chamava de vigia escolar, guardinha, ficava andando por ali e minha mãe é o que era faxineira da escola, que ela falava que chamava servente escolar. Então eles se conhecem lá e se apaixonam no contexto do serviço público. E eu fico pensando que eu nasço de uma paixão que acontece no serviço público e isso me marca em tudo. Porque eu sou uma trabalhadora do serviço público, aposto depois na construção de uma clínica pública e o quanto o público é uma palavra assim que me acompanha na trajetória e na minha trajetória familiar, né?

Então, quando eu começo esse trabalho no SUS, eu vou lá para ser oficinaira e isso é algo que vem de uma experiência com o artesanato, né? Na época eu já fazia bijuteria, sou uma pessoa que gosta do trabalho manual, da atividade manual e na minha infância era o que era a minha companhia. E eu me percebo assim, muito levando coisas que me ajudaram a atravessar fases e situações e complexidades, levando para os espaços onde eu estou.

E aí quando eu começo esse trabalho no SUS, como oficinaira, é algo que é um divisor de águas na minha vida, não só por poder executar um trabalho e gostar do trabalho, mas acho que principalmente pelas pessoas que eu conheço lá. Aí eu conheço trabalhadores e usuárias do serviço de saúde mental que são pessoas diferentes de tudo que eu já tinha visto e podido



## PSICANALISTAS QUE FALAM

experienciar, assim, desde as cores, as palavras que as pessoas usavam, as experiências que as pessoas tinham de vida. Aí eu me encanto profundamente por aqueles colegas.... O apaixonamento pela luta antimanicomial, aquilo vai inundando de uma maneira. Assim que eu começo a pensar que tem um mundo para além do meu contexto aqui em São Mateus e isso é uma coisa muito impressionante, se abre um universo para mim.

E naquela época eu vivia com os usuários que a gente chama do serviço, experiências que também eram novidades para mim. A equipe propunha a circulação pela cidade, circulação pelo território, o cuidado em liberdade foi para mim também, porque nessa época eu me lembro de circular pela cidade, por lugares onde eu nunca tinha ido, tipo um museu... A proposta era promover o acesso e o direito à cidade dessas pessoas, mas isso estava acontecendo comigo também, né? Então de conhecer um monte de lugar e como isso foi influenciando no meu olhar para esse espaço.

[01:00:00] Só que eu acho que aí, por eu me interessar muito por psicanálise, por essa escuta, eu vou em busca de uma formação também a partir desse lugar, assim, uma formação que pudesse ter esse encontro dessas duas experiências.

Só que a literatura psicanalítica tão interessante, tão fascinante, não condizia muito com a realidade ali que a gente vivenciava. Só que eu acho que principalmente os ambientes onde se estudava a psicanálise, onde se pensava psicanálise, não dialogava em nada com outras vivências múltiplas. Então era muito difícil ocupar, estar nesses lugares. Era muito difícil fazer o percurso de formação nesses lugares, era muito solitário também, né? Mas mesmo assim a gente vai lá e vai insistindo... Então ali eu começo um percurso de estudo mais institucional, eu acho, com uma certa cara de escola, uma certa cara de instituto de psicanálise. Ou mesmo um tanto de apaixonamento pela literatura, pelos temas, pela dimensão singular, inconsciente, tudo isso tão interessante e ao mesmo tempo que tinha isso, tinha um ambiente onde era uma dificuldade absurda de conseguir trocar, porque o que a gente falava, me via ali às vezes contando, por exemplo, era muito comum a galera olhar para as artes e falar de artistas brancos europeus e fazer interpretações muito psicanalíticas das obras. E quando sei lá, eu falava do grafite, falava de coisas que estava ali mais próximo da pichação, das coisas mais próximas do território e da vida periférica, isso era besteira, era baboseira... Então isso foi me soando muito esquisito de início assim. E foi um espaço que eu fiquei pouco tempo.



Aí depois acho que tem um segundo momento assim na minha formação, que eu acho que é pra onde já vai caminhando um pouco da construção, assim também da Perifanálise enquanto existência nesse espaço, assim.

Eu saí desse momento em que eu trabalhava no SUS e continuo na política pública, vou pra política da assistência social. E ali, na assistência social, onde a gente vai cuidando e pensando o trabalho mais voltado pras vulnerabilidades, direitos humanos... Nessa relação, às vezes até com a justiça, até com outros setores da sociedade... Ali, alguma coisa assim acontece que eu vou pensando a interseccionar já os estudos. Se eu estava naquele momento mais fascinada, encantada pela literatura psicanalítica, achando que a psicanálise pudesse dar conta de uma série de coisas, quando eu vou pra assistência também e vou me aproximando de outros autores... Os processos vão sendo racializados, pensar a escuta racialmente, as discussões de gênero... E isso começa a acontecer na assistência social, porque naquela época, no SUS, a luta antimanicomial era inspirada e era alucinada em Itália, em Europa, acho que um pouco de Argentina, assim... Mas o que se transmitia muito nos serviços periféricos, que eu sempre... quando ingresso no trabalho já nesse processo de formação em psicologia, eu trabalhei no SUS e era tudo muito de influência europeia, né? Aí é na assistência que começam ali a aparecer outros autores, a racializar as discussões, a falar sobre racismo com mais intensidade e força de um jeito, assim, muito interessante, né?

Nesse serviço que eu fui trabalhar que era aqui em São Mateus, nas ruas próximas aqui da Favela Galeria, eu conheço ali meu companheiro que é o Adalberto. E por esse apaixonamento e por uma transferência que eu acho que acontece também de trabalho assim, a gente vai entendendo a importância de ocupar a cidade, de possibilitar e construir junto com as pessoas que a gente atende ali, os adolescentes, os jovens que a gente atendia, de poder ir fazendo essa circulação também pelo território, de pensar os espaços, o acesso aos espaços...

[01:05:05] A gente começa a fazer um trabalho indo por esse caminho, né? E ir por esse caminho é ir por muitos outros aqui.

Ele é nascido e crescido aqui na Vila Flávia, de onde a gente está. E quando eu falo da Perifanálise, não tem como não falar de uma experiência que surge muito a partir do amor. Assim, a partir do amor pelo território. A gente vinha aqui com os jovens e adolescentes e num espaço um pouco mais embaixo, que é o São Mateus e Movimento, a gente fazia sessões de



## PSICANALISTAS QUE FALAM

cinema com essa galera que estava aqui, trocava ideia sobre a arte, a gente visitava aqui a galeria, construía o sarau, ele já com o coletivo do qual ele fazia parte. Então aí eu também começo a ver que coletividades estimulam, auxiliam nesses processos de cuidado, de socialização e de abertura pra palavras. Porque era um sarau de poesia então, já era uma busca assim, dessas pessoas de encontrar as palavras para dizer das experiências. E eu via muito da psicanálise ali, via muito dessa vivência na psicanálise. Então acho que aí vai rolando isso. E tudo isso vai acontecendo um pouco junto assim, né? A gente está ocupando e circulando, estando aqui, nesse lugar que tantas outras pessoas já estiveram, né? Esses artistas que surgem das ruas, né? Então eu acho que a gente vai fazendo esse caminho das ruas também, pra pensar numa clínica aqui.

E aí eu e a Paula a gente vinha já num momento de querer se dedicar mais aos estudos, à formação... Era o momento político ali também, bem complicado, em 2018, com a ascensão do bolsonarismo, a questão da igreja evangélica apoiando... A gente tentava entender como que a periferia se vinculava com isso, assim: como nós nos vinculamos com um bagulho desses? A gente não pode... A gente precisa entender, a gente precisa tentar... E aí a gente aposta numa coisa que é no discurso, no estudo. Então a gente começa ali o nosso grupo de estudos na casa dela, aqui perto. E a gente vai escutando também o nosso desejo nesse momento, reconhecendo que a gente tem um desejo de que seja possível fazer alguns encontros, porque eu acho que foi tudo sobre encontro no final das contas, sobre fazer junção assim das coisas.

Então a gente tava lá naquele trabalho na assistência social, a gente tinha esse percurso de estudo e interesse pela leitura da psicanálise... Então, como a gente pode promover essa escuta, a escuta psicanalítica nesse contexto? Porque dentro da política pública da assistência ali, essa atribuição e esse trabalho não aconteceriam da forma que a gente gostaria que acontecesse, nesse um a um, nesse fora de instituição, nesse outro espaço, né?

E aí é quando a gente vai também observando a cidade, percebendo que a cidade está no movimento de clínicas públicas, pessoas e analistas indo pras praças, indo pras ruas, para poder sair dos consultórios e fazer atendimento... A gente também se inspira nisso e fala: “Bom, vamos atender”.

Só que aí acho que a primeira notícia que o território nos dá, quando a gente vem com essa ideia, a primeira notícia que a Perifanálise nos dá é de que as ruas já estão ocupadas, o quintal das pessoas que moram aqui é a rua, né? A gente precisava de um espaço onde as pessoas



## PSICANALISTAS QUE FALAM

pudessem se sentir confortáveis para falar aquilo que viesse à mente e tendo algum espaço preservado. Então a gente entende que aqui não é na rua, que não se trata de ir para a rua, que aqui a gente precisava de um lugar. E aí a gente vai e retoma esse lugar que a gente já conhecia, a gente vem com essa outra conversa de estar aqui no dispositivo clínico, de escuta também, de estudo... E é quando a galera daqui topa e fala: “Não, é isso mesmo, vamos lá, a gente precisa falar, né?”. E aí a gente começa aqui, né?

E aí esse começo foram várias experiências, desde conversar com o supervisor e o supervisor se deslocar... Acho que de início os supervisores queriam que a gente fosse até os consultórios, né? E a gente já insistia que a supervisão também pudesse acontecer aqui. A gente estava entendendo que a psicanálise era interessante que ela acontecesse aqui, e todo seu dispositivo pudesse acontecer aqui.

[01:10:15] Então a gente ia fazendo essas conversas e tinha esses espaços... Aí o estudo já acontecia aqui, os atendimentos já aconteciam aqui, supervisão acontecia aqui.... E aí foram as cenas assim de: “Será que as pessoas sabem da psicanálise? Será que as pessoas vão procurar pela psicanálise?”. E aí eu me lembro de um senhor uma vez que veio em busca de hipnose e eu fiquei assim muito pensativa: “Nossa, hipnose! As pessoas sabem que tem algo da psicanálise, de uma história, de que houve...” E ficaram curiosas assim de saber o que acontecia. E aí é quando a gente vai cada vez mais assim, se permitindo, se autorizando a esse espaço de escuta. E já entendendo que uma leitura da psicanálise que não fosse interseccional, que não se relacionasse com produções teóricas e de clínicas racializadas, que não fazia sentido para nós. E aí é quando várias... Tem vários acontecimentos, mas aí é quando a gente aposta nesses estudos mais interseccionais de raça, principalmente racializadas, né? Porque a gente tava num processo de reconhecimento de nós, a nossa própria história, mas acho que também da nossa clínica, né? E aí eu fui me vendo muito, querendo entender mais sobre isso, sobre o meu processo racial, da história dos meus pais, que eles que já me contavam tanto do território, das ruas, das vivências, o que daquilo que eles contavam tinha a ver também com a minha realidade e com meu inconsciente na transferência com este lugar, né? Que é o lugar também da minha família, que hoje minha família também mora aqui. E então como isso tudo estava me formando também enquanto analista e esse trabalho aqui, essa vivência aqui tem sido fundamental para minha formação como analista.



E acho que daqui pra, sei lá, isso vai se abrindo para outras buscas, outras escutas, outros interesses. Então, acho que na minha própria análise isso tem me dado a chance de poder nomear de outro jeito a minha história e tudo que eu vou vivendo por aqui e com essas pessoas que eu que eu conheço assim. Então acho que que eles estão me formando também, cada colega da Perifanálise... E acho que isso desloca um pouco da psicanálise as hierarquias. Acho que aqui a gente a gente tem tentado ser coletivo, uma palavra acho que nova na psicanálise, né? Mas que a periferia, que a quebrada já se organizava. Acho que isso também está nos ensinando.

E hoje minha formação passa por esse encontro, por essa coletividade, por estar com essas pessoas no coletivo. Por isso a gente quis falar todo mundo junto. É isso. Obrigada. [Risos].

CORTE.

[REINE RODRIGUES] Aqui?

[HEIDI TABACOF] Tá bom?

[REINE RODRIGUES] Sim, confortável

[HEIDI] TABACOF Vamos lá, te escuto.

[REINE RODRIGUES] “Te escuto” (riso).

Bom, acho que fiquei pensando o que falar, o que não falar e tentei partir de quem é a Reine até chegar na Perifanálise.

Enfim, Reine, sou filha da dona Rose, uma mãe de quatro filhos, solo. Nasci e cresci aqui na zona leste, então tô em casa. E até meus quatro anos morei no quintal da vovó, da minha avó materna e aí com quatro anos a minha mãe é contemplada com um apartamento da CDHU. E a gente vai morar num conjunto habitacional no Jardim Primavera, Jardim Colorado, que é aqui próximo também. E ali é onde boa parte da minha história foi vivida e foi experienciada, enfim.

[01:15:30] Chegamos lá e não tinha asfalto na rua, não tinha iluminação pública, mas a gente estava super feliz, a casa própria e minha mãe podendo... Nessa época ela só tinha dois filhos: meu irmão mais velho e eu. Lembro de uma cena assim que eu acho que traz um pouco do que é o coletivo, como que a gente aprende o coletivo... Minha mãe que conta, eu não me lembro, mas ela conta que eu estava assim num espaço do prédio e aí tinha uma menina que



## PSICANALISTAS QUE FALAM

depois virou minha amiguinha brincando e aí eu corri pra dentro de casa e falei assim: “Mãe, a menina tá no nosso quintal”. E aí minha mãe fala assim: “Não é nosso quintal, é o quintal de todos de dentro, daqui de dentro é a nossa casa daqui para fora é de todo mundo que mora aqui”. E eu acho que lembrei dessa cena porque ela foi me trazendo um pouco o que era isso de dividir ali com aquelas pessoas, de morar num conjunto habitacional e cada um com as suas histórias, com as suas vivências...

Essa rua que eu morava é uma rua onde aconteceram algumas cenas de violência, vivenciamos cenas de assassinatos ali, de intervenção policial, enfim, era uma rua em tese erma, né? Porque era fundo das casas, não tinham casas na rua, tinha o apartamento, o prédio e uma escola que era só primário, então essa escola à noite não funcionava e isso possibilitava algumas coisas acontecerem naquela rua à noite.

Enfim, acho que também falo sobre a história dessas pessoas que vi crescer e que vi perderem suas vidas ali naquele espaço, seja pela violência policial, seja pelo cárcere... Mas também nem só de história triste era composto aquele lugar. E vimos o asfalto acontecer. Vimos crianças crescerem, crianças nascerem, porque aí meus dois irmãos mais novos nascem lá também.

E sonhos... foram possibilitando sonhos para nós, ainda que em meio a toda essa história. E resgatá-la também é resgatar quem estava antes, essa luta da minha mãe também, enfim...

E tudo isso acho que vai ganhando nome, eu tô falando com essa apropriação muitos anos depois, quando eu estava vivendo não tinha consciência do que era nada disso.

E aí chega acho que na graduação algumas coisas começam a ganhar nome: o que era movimento social, o que era movimento de moradia, o que era periferia, até então estava vivendo ali...

E acho que, bom, importante também falar que num período parei de estudar. Eu sempre gostei muito de estudar e minha mãe pegava muito no pé: “Tem que estudar. Tem que estudar!”. E como muitas histórias atravessadas na periferia, às vezes a gente precisa parar de estudar pra trabalhar. Trabalho desde muito cedo e com 16 anos eu paro de estudar, no terceiro ano do ensino médio. Foi uma frustração assim, mas era o que tinha para poder ajudar em casa, enfim. E me lembro que quando eu falava de faculdade... Eu tive a coisa de “quero fazer faculdade” com 14 anos, assim: “Vou estudar psicologia” e minha mãe falava: “Menina, tira isso da cabeça, pobre



## PSICANALISTAS QUE FALAM

não faz faculdade”. E eu ficava puta quando ela falava isso, eu falava: “vou fazer sim”. E não tinha a dimensão do que ela queria dizer com aquilo. Minha mãe é uma senhora que estudou muito pouco, mas que tem muita sabedoria. Apesar de ter sido auxiliar de serviços gerais, diarista, enfim.

[01:20:05] E aí o jogo vira quando começa um governo mais... progressista, talvez seria a palavra, que minha mãe falou assim: “Agora que o Lula está no poder, você pode sonhar em fazer faculdade “.

E aí eu ficava pensando: “Por que é que o discurso da minha mãe mudou? Que que aconteceu e tal?”. Não tinha dimensão, mas minha mãe fala isso: “Agora vai correr atrás”. E aí, enfim, ainda passam mais dois anos, eu volto a estudar no terceiro ano do ensino médio e aí quero fazer regular que eu tinha o sonho da bolsa e aí queria fazer o ENEM, então fui fazer com 21 anos, a galera lá com a idade... quatro anos sem estudar... E aí presto o ENEM, consigo a bolsa de 50%, já era alguma coisa, né? E aí vou para a universidade fazer minha matrícula e a universidade me oferece um complemento nessa bolsa. E isso em 2012. E aí saio de lá assim, sem acreditar, meio que tipo: “Tá acontecendo isso mesmo?”. Perguntei várias vezes pra pessoa que fez minha matrícula: “Mas eu estou matriculada?”. E ele: “Tá!”, irritado, assim, tipo: “Tá, vai embora, já fiz meu trabalho, né?”. Me lembro que nesse dia uma pessoa em situação de rua me abordou e eu olhei pra ele e falei: “Pois não?” e tal e ele: “Não só queria falar uma coisa: você está com uma cara tão feliz”. E aí eu falei: “Nossa, eu tô mesmo”. Acho que isso pra dizer o que foi aquilo ali.

E, enfim... E aí vai o desafio da universidade, enfim...

Tinha o sonho de fazer universidade, pública, mas não tinha condições porque era integral, então precisava trabalhar, trabalhava nessa época ainda. E acho que a coisa começa também a ganhar um contorno no terceiro ano, quando eu vou fazer a matéria Psicologia Social e Comunitária, que aí eu falei: “Agora estão falando do que faz sentido para mim, do que eu vim fazer aqui nessa universidade”.

E aí essas coisas que começam a ganhar nome: movimento social, enfim... Começo a entender quem eu era e vou pra análise também, pensar em tudo isso que aquelas aulas estavam me provocando e tal.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

E, enfim, daí me formo em 2016 naquele caos do golpe, cheia de sonho de trabalhar na psicologia social e tal. E aí: “Não, minha filha, você vai trabalhar porque você tem que trabalhar”. E aí vou trabalhar no administrativo porque não tinha conseguido vaga no que eu sonhava. Continuo conciliando com a clínica, atendendo convênio e tal... E, enfim, sem me dar conta do que era tudo aquilo, assim, acho que hoje posso ver que foi muita resistência mesmo, né? É...

E, sei lá, pensar nas minhas ancestrais mesmo, no que aquilo significava, na minha vó, na minha mãe, nos meus irmãos, nos mais novos, também no mais velho...

E, enfim, 2020 chego na Perifanálise. Estava trabalhando na assistência social, na verdade no terceiro setor, numa ONG que atendia mulheres em contexto de prostituição como educadora social ali e aí assim eu falei: “Nossa, achei meu lugar, achei...”. A frase que eu uso no dia que eu chego é: “Nossa, aqui eu me sinto sujeito, não me sinto objeto”. Porque eu já tinha circulado em outros espaços acadêmicos também, no qual eu não me sentia pertencente. Tinha uma certa tentativa de se fazer, mas que não era aquilo. E quando eu chego aqui nesse coletivo, a coisa começa a fazer sentido.

[01:25:30] Me embananei...

Enfim, é isso, chegar, ser uma perifanalista, é ter sido essa menina que cresceu ali naquele lugar, que ajudou a mãe a cuidar dos irmãos, que parou de estudar e que voltou a estudar, que conseguiu bolsa e que também saiu de casa jovem... Eu saio da casa da minha mãe com 16 anos para morar só e em dificuldade também, enfim.

Eu vivi um namoro na época, depois nós viemos a morar junto, um ano depois, né? É alguém que também fez muito parte da minha história. Eu brinco que é difícil também contar a minha história sem contar essa parte porque foi alguém que entre trancos e barrancos ali, que relação não é fácil, mas que me ajudou com esse sonho também, que disse quando a gente se conheceu: “Nossa, você fala, você parece psicóloga”, sem saber que eu tinha o sonho de estudar psicologia.

E aí, enfim, acho que eu estou falando isso porque eu vim para cá pensando: “Quero falar de amor, quero falar do que foi o amor desses encontros da vida”.

Antes de voltar a estudar, eu tinha feito um período de terapia numa universidade, na São Judas, e também foi algo importante, assim, aquela terapeuta também me ajudou a pensar



## PSICANALISTAS QUE FALAM

em como que eu ia voltar a estudar. Então já tinha isso ali. E aí acho que também tinha essa coisa de eu falar para ela que eu queria estudar psicologia e aí, enfim...

Minha mãe é uma mulher parda, uma mulher negra de pele clara e é engraçado que pensar nessas questões, ainda que essas questões estivessem atravessadas na minha vida, diretamente desse jeito foi a Perifanálise que me ensinou. Foi na Perifanálise que eu fui entendendo também o que era estar numa família inter-racial, o que era ser uma mulher branca, ainda que periférica... O que é ter uma irmã cotista numa universidade federal hoje, minha irmã mais nova. O que é ter um irmão que sonhou em ser jogador de futebol e que hoje joga nos times de várzea e que trabalha de segunda a sexta pra sustentar um filho pequeno e sua casa... E o que isso significava pra eles, né, a irmã que foi estudar...

E aos meus amigos de infância que também sonhavam junto comigo, que falavam: “Seu corre vai ser diferente. Você vai estudar”. E que muito me ensinaram.

Acho que se eu sou analista hoje, perifanalista, vem muito desse saber também do que a rua me ensinou, do que essa comunidade me acolheu, do que quando a gente, sei lá, um passava mal, tinha um vizinho que tinha carro e ai pegava e virava ambulância e ia pro hospital Iva – eu tô falando no do hospital, porque quem está por aqui já passou por esse hospital. E, enfim, né? Foi inaugurado pela Erundina, então a política em tudo, né? E eu não ia me dando conta, mas hoje poder sistematizar tudo isso, né? Se apropriar dessa história é muito bonito para mim.

[01:30:15] E entender o senso de comunidade... Eu acho que uma matéria também na faculdade que me deu angústia foi “Teorias e técnicas de processos grupais “. E aí pensar também que já era sobre grupos, que já era sobre isso...

Eu nunca sonhei só para mim. Eu acho que todos os meus sonhos eram e são para os nossos, para os meus, pra gente poder se permitir sonhar, né?

Tem um RAP que fala: “Na luta pra ninguém silenciar a nossa voz. Voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs”. É meio isso que eu vim fazer aqui assim: voltar a falar de sonho.

Me lembrei de uma cena do meu sobrinho, tenho um sobrinho que agora tem sete aninhos, um dia ele na janela da minha casa e ele fala assim: “Nossa tia, sua janela dá para ver a rua né?”. E aí eu falei “Dá, Isaac” – olha o nome! E aí eu falei: “E da sua, não dá para ver a rua?”. Ele falou assim: “Dá, mas também dá para ver a polícia, dá para ver os meninos correndo para lá e para cá”. Meu sobrinho mora próximo de uma biqueira, né? E aí naquele dia eu fiquei: “É isso,



## PSICANALISTAS QUE FALAM

eu quero que meu sobrinho possa ver a rua”, para além dos polícias correndo, para além dele me contar que não entrega mais pizza na casa dele. E aí: “Por que Isaac não entrega mais pizza na sua casa?”, “Tia, porque o cara foi entregar pizza lá na minha casa e aí começou um corre da polícia e aí minha mãe falou ‘abaixa’” – provavelmente por medo de tiro, enfim. E ele: “Aí eu abaixei e ficava ‘a pizza, a pizza!’ e aí o rapaz falou ‘ó, não entrego mais aqui na rua’ - o motoqueiro.

E aí eu falei: “Cara, isso dói, isso dói”, porque ele é uma criança, como eu fui. Mas ele também me mandou um vídeo esse dia fazendo um gol no campinho lá do lado da casa dele também, com o pai que sonhou em ser jogador de futebol. Então alguma coisa tá acontecendo... É isso. É por eles também, né? É por mim... [suspiro].

Não sei...

Aí chega nesse coletivo e começa a se dar conta de tudo isso e que é possível fazer algo com tudo isso né?

Eu hoje tenho contato com meu pai, estou falando disso porque ele é um homem nordestino, um baiano do sertão da Bahia e também pela análise – olha que doideira: me dispus a ir atrás dessa parte da minha história também e querer entender a versão dele. Tive a sorte de encontra-lo, porque quantos pais, quantas mães que assumem e o pai some e não se encontram esses pais. Eu tive essa sorte, hoje posso chamar de sorte, apesar de ter várias questões aí, porque já era adulta.

[01:35:15] Mas também pude conhecer esse lado, de ir lá pro sertão da Bahia e ver minhas raízes também. Isso também são as minhas raízes. Assim como a CDHU. E pensar na minha avó paterna, uma mulher indígena, né? Meu avô... Que eu consegui conhecê-los também, hoje já falecidos... Minha avó materna também... Mas que também começaram essa história.

Meu pai migra de lá sozinho, numa coincidência com 16 anos também. Vem pra São Paulo, falsifica seus documentos como se tivesse 18, porque ele não podia viajar mais jovem, mais novo. E aí ele traz essa família para cá aos poucos. Vai trazendo minha vó, meu vô... que também passavam fome, seca... E eles fizeram morada no Vila Madalena, que tem o nome da Vila Madalena, mas que é Santa Madalena daqui da zona leste: Parque Santa Madalena ou Madalena ou Vila Madalena, que também é uma comunidade, né? E aí, sei lá se isso foi um ato falho. E aí quando eu fui pra lá pro Nordeste e vi uma outra história desse povo também, porque



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

eu vou pra lá em 2016 e aí essas pessoas falando que o governo tinha trazido água pra elas, eles tinham cisternas lá e meu pai foi contando assim: “Chegando lá, não pensa que vai ser luxo. É tudo muito simples, não tem água em casa e tal”. E aí quando a gente chega lá e vê esse outro cenário, algumas coisas também conversavam com a minha história, de eu pensar: “Olha, trouxe esperança para esse povo aqui também, pra esse outro lado da minha história também, né?”.

E, enfim, não tinha como ser diferente, com essa história...

E a Perifanálise me ajudou a contá-la, ser perifanalista é isso aqui.

A todos os meus parças, a paciência por lidar com o meu não saber, às vezes, com a minha ignorância, com a minha chatice, com os meus melindres também, porque às vezes eles aparecem... Eu aprendo muito com essa galera. E acho que é isso, quis contar essa história pra eles também. Obrigada, Heidi.

[HEIDI TABACOF] Obrigada Reine.

[REINE RODRIGUES] Obrigada Heidi, por esse convite paciente, insistiu, né? Se expor, a gente fica meio desconfiado, mas vai. E acho que foi. Espero que quem vai escutar perceba que eu vim de olhos fechados e coração aberto.

Estou despida, gente! Meu Deus! [Risos], é isso!

[HEIDI TABACOF] Muito obrigada. Um belo processo de construção coletiva, do próprio episódio, ao qual vocês nos convocaram. Conseguimos fazê-lo juntos.

[01:40:05] [REINE RODRIGUES] Foi. [risos].

CORTE [IMAGENS EXTERNAS]

[HEIDI TABACOF] Senta um pouco assim, pra gente ver melhor o seu rosto.

[THAINÁ F. AROCA] Ai, tô nervosa.

[HEIDI TABACOF] Não poderia ser diferente. (pausa) Te escuto.

[THAINÁ F. AROCA] Ai, acho que só a Perifanálise poderia me fazer falar mesmo, porque acho que foi ali que eu comecei a aprender a falar também em primeira pessoa.

Então, eu sou cria aqui da zona leste de São Paulo, no Parque Santa Madalena, divisa ali com o Jardim Elba. E a minha família toda é de lá. Lá a gente foi criado, assim, com muito cuidado,



## PSICANALISTAS QUE FALAM

com muito amor, mas também com muita proteção. E, na minha família, uma coisa assim que eu sempre escutei do meu pai era que: “Você precisa estudar para ser alguém na vida”. Então, às vezes, ali, quando ele era próximo, né, porque aconteceram algumas coisas, a gente teve essa relação mais distante depois. Ele sempre dizia isso assim, quando ele acompanhava a gente na escola e ele falava: “Você precisa estudar para ser alguém na vida, filha, vai lá. O pai não deu muito certo na vida, mas você precisa estudar para ser alguém na vida”.

Então, eu sempre também fui um pouco essa menina na escola, assim, que era muito dedicada, que tinha muito medo de tirar nota ruim... Estudei nas escolas públicas, assim, com muito medo também de não conseguir... acho que fazer alguma coisa, ser alguma coisa. E essas sensações, assim, de muita insegurança.

Foda lembrar disso, porque eu fico pensando que aquela Thainá de lá de trás não tinha muita perspectiva. Era como se... parecia que meu destino já estava traçado, que eu ia precisar trabalhar e, quem sabe, talvez casar, ter uma família e eu precisava sobreviver, assim como todo mundo da minha família fez...

Quando eu acessei assim a faculdade de psicologia por bolsa e tudo mais e, assim, foi uma coisa assim que até hoje eu acho que eu ainda tô aprendendo a dizer sobre, porque a sensação que eu carrego naquela época era de alguém que não tem nome, não tem sobrenome, não tem lugar, não tinha muito corpo, porque também fui sendo ali... quem viveu um pouco daquela época do final dos anos 90 pros anos 2000, aqui na Zona Leste, a gente tinha muito medo de muitas coisas que aconteciam assim. E, principalmente, teve uma fase ali no Madalena, e na Sapopemba e tudo ali na região e teve uma fase, assim, de ataques da polícia e a gente acompanhava isso, enfim, eu não entendia muito, sabe? Eu não sabia muito, acho que ficava me sentindo meio... Hoje eu falo isso, que eu ficava me sentindo meio misturada, meio perdida, meio, sei lá.

E eu fui escutando essas coisas assim, as coisas que os meus pais puderam me dizer, eu acho que eu me agarrei. Tipo: “É isso, tem que estudar pra ser alguém na vida, então tá bom, vou fazer isso. Acho que é isso”. Não tinha muito sonhos também, não sei por que, acho que até hoje eu não sei dizer e eu não sei mesmo. Tipo, eu ficava pensando “Mano, é isso, preciso estudar, preciso ter algum trabalho, preciso comer, preciso sobreviver, preciso... sabe?”.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

[01:45:10] Então eu fui meio que me apegando a isso assim. Então eu fui uma menina que estudou em escola pública, que queria tirar ali as notas, que queria fazer alguma coisa com isso. E aí eu tinha conseguido uma oportunidade de fazer um técnico através da minha nota na escola pública e eu fui fazer um técnico em administração. E aí quando eu estava no técnico em administração fazendo ainda, teve o ENEM. E aí eu soube... Mas eu não entendia isso... Isso que eu acho foda: eu não entendia, eu não sabia exatamente como que é o processo para fazer, pra eu conseguir bolsa. Eu não sabia que eu podia ter bolsa, eu não sabia que eu podia fazer uma prova e conseguir entrar na faculdade. Tipo, essas coisas não estavam explícitas pra mim assim. Eu me sentia muito... essa sensação, assim, de sem lugar. Era como se eu não tivesse sido inserida no mundo. É um bagulho muito louco e eu digo isso assim, agora, podendo nomear as coisas. E aí fui e fiz o técnico. Aí na metade do técnico teve essa coisa do ENEM, eu descobri, alguém falou na escola: “Ah, tem o ENEM, gente, prestem o ENEM”. Eu falei “Ah, é? Tem que prestar o ENEM? Então tá bom, vou prestar o Enem”. Fui lá, prestei e aí consegui bolsa do Prouni e depois consegui a bolsa do Fies e entrei na universidade por essas bolsas assim.

E, assim, foi muito louco, porque a universidade era um mundo assim, que eu tinha muito medo também, porque eu não conhecia aquelas pessoas e eu ficava olhando e aquele meio preconceito também, não entendia aquelas pessoas, ficava falando: “Todo mundo é *playboy* aqui, não sei do que que eles estão falando”... Mas aquilo dentro de mim, sabe, de que era isso que eu tinha que fazer, pra ter alguma possibilidade de vida era isso que eu tinha que fazer: estudar. Então estava lá para estudar.

Então, na faculdade eu era, assim, obsessiva com o fato de que eu não podia tirar uma nota ruim, Eu não podia fazer – como que fala? Recuperação: pegar “sub”. Porque eu tinha uma bolsa e eu poderia perder. E a possibilidade mais remota de perder aquela bolsa me assustava. Então eu nunca peguei “sub” também, então eu era uma pessoa que eu decorava o que as professoras falavam, porque quando eu comecei a olhar eu não... Eu olhava as roupas das professoras de psicanálise, me lembro muito que uma professora que uma cota lá na universidade, ela dava aula de psicanálise do primeiro ano, acho que era “introdução” mesmo, e ela era muito conhecida, muito extrovertida e tal, e ela tinha um jeito, ela entrava com tamanco de madeira, ai gente... Eu olhava aquilo e falava: “Ai, essas pessoas que usam tamanco de madeira, que usam umas roupas meio assim, não sei da onde que é”... Eu não entendia, mas eu



## PSICANALISTAS QUE FALAM

gravava o que eles estavam falando, eu gravava, sabe? Então era meio que essa sensação, assim, tipo... Até mesmo no Madalena, onde eu morava, eu tava lá, mas tinha uma preocupação dos meus pais de que a gente pudesse dar certo, de que não fosse se envolver com crime, de que não fosse se envolver com tráfico, de que eu não engravidasse tão cedo – as minhas primas engravidaram muito cedo... Poder dar certo mesmo...

Então a minha relação com o lugar onde eu nasci, fui criada e me formei, foi muito... foi muito assim de privação, sabe? De “Não pode”, de medo, “não pode, não pode estar ali. Você é menina, você não faz, você não pode fazer, sai, não sei o quê”... Exceto pelo fato do RAP, que isso também acho que foi uma contribuição dessa relação próxima com o meu pai, que era a gente... Eu escutei RAP muito cedo. Eu escutei RAP com o meu pai muito cedo. Então por mais que tinha a minha mãe falando: “Ai, RAP é coisa de trombadinha, não é pra vocês escutarem isso, não é pra vocês fazerem isso”. O meu pai era aquele cara do bairro, ele é até hoje, aquele, maloqueiro que todo mundo conhece. Ele nasceu, foi criado lá. Hoje, com seus 50 e poucos anos, todo mundo conhece ele, a família dele... Os caras de tudo, do crime, conhece...

[01:50:15] E a gente, para além disso, ouvia muito na zona Leste, não teve, eu acho, quem não ouvisse o que o Racionais cantou, não teve quem não ouvisse o que aqueles grupos periféricos, de homens negros em sua maioria, estavam dizendo. E eu não entendia muito bem, eu acho que eu tinha uns oito, não sei... Ou menos, porque eu sinto também que o RAP foi a minha primeira voz e eu não sei muito bem dizer se era essa idade mesmo. Mas o RAP foi essa conexão com o lugar de onde eu vim, foi essa coisa, eu não sabia muito dizer, mas eu escutava aquilo e eu me conectava com algumas relações, assim, do meu pai, das coisas que ele viveu, das coisas que as pessoas próximas da nossa família ou até mesmo os nossos vizinhos do bairro viveram de violência mesmo e tal, e do porquê é que a gente se sentia com tanta vergonha. Porque eu tinha uma sensação de muita vergonha de onde eu vim. E eu lembro que meu pai falava muito assim: “Quando você for fazer uma entrevista de emprego, você não coloca o seu CEP porque eles vão olhar e ver que no seu CEP é 013 e é da zona leste e talvez você não seja, enfim, contratada, assim”.

E aí eu tinha medo, eu fui ao mesmo tempo tendo essa relação de vergonha, de medo e tudo mais com esse lugar aqui, que foi o lugar que eu me formei, que foi o lugar que eu virei uma



## PSICANALISTAS QUE FALAM

pessoa assim. Então era isso... E o RAP foi esse... foi realmente essa voz. Eu acho que foi essa fonte que me conectava com o lugar de onde eu vinha.

Eu sentia muito ódio e eu não sabia dizer o porquê, eu nem sabia nomear que era ódio, mas eu sentia muito ódio, muito ódio. Até hoje, mas hoje está em análise, então eu acho que enfim... Eu sentia muito ódio daquela vida, porque eu não me conectava muito com nada, sabe? Conforme eu fui crescendo, então, tipo assim, a sensação que eu tinha pelo menos, é que: trabalhar, estudar, trabalhar, pagar as contas e quem sabe você vai casar e você vai ter filhos e é isso". É isso.

E acho que conforme eu fui crescendo... E envolveu essa relação com a psicologia, com o fato de eu ter entrado na universidade, porque a universidade também acabou sendo um lugar onde eu fui vendo, conhecendo outras coisas. Assim: "Nossa, tem outros mundos, outros modos de pensar, outros jeitos de ver"... Mas eu me sentia... Eu tinha muita vergonha, muita vergonha, porque eu nunca tinha lido aquelas coisas e eu sentia ódio de não saber também. Era uma mistura assim. Tipo as pessoas às vezes na aula de filosofia, umas pessoas assim falavam, que tinham o carro comprado pelo pai, assim, eu ficava: "Ai, bando de *playboy!*". Mas não: "você já leu Dostoiévski, que não sei o que?". Eu ficava olhando... Você falava: "Mano, que mundo é esse? Que mundo é esse?". Mas também me deu essa possibilidade assim, de ir vendo, de ir conhecendo.

Mas eu sentia muito ódio, sentia muito ódio no transporte público, sentia muito ódio das coisas com que eu trabalhava, porque eu não me sentia conectada, sabe? Não sentia que era algo que eu gostava de fazer. Não tinha... É... Porque eu estou pensando aqui que eu fui dizer um "Eu quero fazer tal coisa" recentemente, sabe? A minha sensação é essa, que eu: "Ah, eu desejo" – essa coisa da psicanálise: "Eu desejo, o que eu desejo, que eu quero isso", é recente. Se inaugurou também, eu acho, nessa relação, ao mesmo tempo com a Perifanálise.

[01:55:10] Mas só pra voltar um pouco nisso sim, que era uma vida em que eu sentia muito ódio. Eu sentia muito ódio no transporte público. Sentia muito ódio daquele trabalho, sentia que não me cabia... Ao mesmo tempo, tentava me adaptar porque era isso que eu tinha que fazer para ver se dava certo, sei lá.

E o RAP também ele foi dando eu acho que um lugar para esse ódio que eu sentia de ver algumas coisas assim, que eu vi: "Porra, por que que é tão sem sentido, sabe? Nossa, aquela



## **PSICANALISTAS QUE FALAM**

peessoa trabalhou pra porra, fez várias coisas e aí está passando várias dificuldades. E aí está lidando com o filho que foi preso"... Só que eu estou dizendo tudo isso, só que agora eu tô podendo nomear, naquela época isso era dentro de mim, tudo misturado, sem palavra, com uma vergonha. Ao mesmo tempo eu sentia medo e eu sentia ódio. E eu queria ser algo diferente também. Eu também não queria engravidar, eu nem sabia... Mas eu não queria também engravidar com 13 anos, sabe? Com 14, com 15, tipo, sei lá, foi meio assim...

E eu acho que o RAP foi esse lugar assim, de dar voz mesmo, de dar a voz pra esse ódio que eu sentia.

Só que aí aconteceram várias coisas assim da minha vida, eu fui também entrando na universidade e fui me afastando desse lugar, assim de onde eu sempre morei e tudo mais.

Era muita coisa né? Então trabalhava e estudava e tinha as coisas da faculdade pra fazer e ao mesmo tempo as relações ficaram muito estabelecidas na faculdade... Eu tinha curiosidade, eu também queria conhecer, não sabia nada daquilo, nunca tinha visto aquilo... Sabe essas pessoas que falavam que liam... Tempo pra ler, tempo pra escrever, sabe essas coisas assim... Tipo: "Mano, não, você tinha que trabalhar". Meu pai é motoboy e, ele trabalhou assim e trabalhou muito ao longo da vida. É o "corre", né? A gente fala assim de quebrada: é o corre, a gente tá na correria, pai, vai lá e faz. Então essa coisa assim, desse lugar da psicologia, que era um intelectual, um pensador, nunca me vi, nunca me vi. Mas ao mesmo tempo tinha curiosidade quando estava lá.

E aí voltando: eu fui, conforme fui entrando na universidade, fui me afastando um pouco. E aconteceram algumas coisas com a minha família que aí eu me afastei também do meu pai, a gente se afastou um pouco, meus pais se separaram e eu fui morar com a minha mãe e meu irmão e tal, e aí eu fui me distanciando dessa origem, sabe? E achando que eu tinha... que o certo era isso, achando que o certo é: "Eu preciso ser isso daí que eles estão falando da faculdade pra ser alguém na vida, sei lá, eu acho, tipo, para ser alguém na vida"...

E aí é isso. Assim, eu fui... Fui fazendo a faculdade, cinco longos anos, muita coisa aconteceu, eu fui crescendo também...

E aí quando eu me formei na Psicologia, eu ainda carregava esse sentimento, essa sensação de que, de não me ver psicóloga. Eu não me via mesmo, porque eu não falo e não falava do jeito que aquelas pessoas falavam. Eu não tinha uma estética, eu acho também, que era do



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

jeito que os psicólogos, ou pelo menos dali, que eles são... Isso me impactou muito. Essa coisa do tamanco de madeira e da roupa, sei lá, meio do centro, assim: essa galera meio branca do centro, não sei explicar. E aí eu também chegava na clínica que tinha o estágio da psicologia na universidade., eu chegava na clínica e eu ouvia tipo assim: “Tira esse piercing”, “Esse cabelo seu tá muito armado, precisa arrumar esse cabelo”, “Essa tatuagem” e isso e aquilo...

Só que eu queria me adaptar porque eu queria ser alguém na vida também, porra, sei lá, foi meio isso...

[02:00:05] [passa música no fundo].

Ai, eu amo essa música aí e meu irmão também gosta muito dessa música, eu lembro dele.

É isso.

Ai, vai... E eu fui pensar no meu irmão agora, que meu irmão é um quebrada muito foda também. Eu lembro muito dele quando gente está fazendo as coisas aqui da Perifanálise, eu lembro muito dele assim...

E eu não me via, mas eu queria voltar nisso, porque eu não me via nessa psicologia. Assim, ao mesmo tempo eu queria ser eu. Eu até acho que eu era tipo a aluna exemplar, sabe? A aluna que estava interessada, que perguntava na aula... Só que dentro de mim uma insegurança profunda, uma vergonha, sei lá, eu não sabia falar. É isso, essa sensação de sem lugar, sem nome, sem desejo, não sei... E aí saí.

E aí acabei me envolvendo numa relação e fui morar num outro bairro, fui morar num outro bairro, na zona norte de São Paulo, por um tempo, fui morar com essa pessoa e aí eu trabalhava no RH como assistente, trabalhava nesse RH, me sentia inadequada porque apesar de tudo, eu não me sentia lá e tal. E aí quando eu ouvi da Perifanálise, acho importante falar isso, quando eu ouvi da Perifanálise, eu falei: “Caralho, alguma coisa me leva para lá, eu me identifico”. E aí eu comecei a ir e a fazer o encontro, a participar. E aí, conforme eu fui participando, eu não sabia falar, eu ficava quieta, eu tinha medo de falar, mas eu ouvia eles falando e falava: “Eu me identifico com isso, eu já senti isso, já passei por isso, sei disso”. E aí foi aí que eu fui me formando perifanalista. E a Perifanálise foi me dando essa possibilidade mesmo de falar. E quando eu penso hoje... E de sonhar! E quando eu penso hoje que hoje eu posso sonhar e fazer o que me dá desejo, sabe? O que me dá vontade. Quando eu volto pro RAP, quando eu volto pra minha quebrada,



## PSICANALISTAS QUE FALAM

que aí voltei e tudo mais, quando eu volto pra cá, aí eu fico pensando nos meus, que também estão nas rimas, nas batalhas de rimas por aí, tô muito conectada com isso, fui voltando pra essa origem. E, mano, é isso, quero que a minha clínica dê a possibilidade, se for isso, de alguém chegar e sair sonhando, de um quebrada que sonha mesmo, que tem a possibilidade de um lugar, que tem a possibilidade de estar no mundo mesmo, que eu sentia que eu não tava no mundo. Quando eu fui experienciando as vivências da Perifanálise eu fui me sentindo de volta, eu digo isso, assim, de volta para o mundo, sabe? Eu digo que a Perifanálise me fez voltar para casa e que ao voltar para casa eu pude voltar para a rua, pro que a rua me trouxe de significado. E voltar para a rua, é voltar para o RAP, é voltar para a cultura hip hop, é voltar para o meu pessoal, é lembrar que o meu irmão que é um quebrada, que tem todo o corre dele, do funk e tal, pode sonhar e pode experimentar outras coisas na vida, sei lá, aquilo que ele quiser assim. Eu acho que a Perifanálise me despertou isso, mas eu sinto que eu também só estou aqui por causa dessas outras pessoas. Eu sinto que a Perifanálise é um sonho coletivo mesmo. A Perifanálise é isso, assim, essa coisa de resgate, de retorno, de fazer conexão, de olhar pra marginalidade como algo que a gente pode sustentar, que é nosso.

Então o meu pessoal da quebrada, o meu pessoal, quando eu olho pro funk, quando eu olho pro RAP, quando eu olho pro meu irmão e eu olho para eles e fala assim: “Esses são nossos, olha que lindo, olha que chave, olha que da hora!”, entendeu? Tipo: é poder olhar pra essa periferia também como uma forma de vida, isso me trouxe vida. Escutar o RAP ali, naquele lugar da infância, mesmo sem entender, e que me trouxe alguma coisa e agora poder retornar e falar: “Putá foi a minha primeira voz”. Talvez o RAP tenha sido a minha primeira voz enquanto pessoa daquele lugar. E a Perifanálise trazer essa possibilidade de eu continuar falando, não precisar apagar isso para ser uma intelectual, não precisar fingir que eu uso tamanco de madeira, tá ligado? E que leio Dostoiévski ou que li, ou que, sei lá, qualquer coisa...

[02:05:20] Não, eu posso, tipo, sustentar, eu com um RAP, com o funk falando que: “Olha só como os nossos já estão falando há muito tempo, até sem precisar da psicanálise, já estamos falando”. E é isso de poder retornar algo para eles de que: “Tudo bem, talvez, sei lá, a elite não esteja escutando, mas eu vou escutar”. Porque quando eles falam, eles tocam em algo dentro de mim e da minha história e de vários outros que morreram. E tipo do meu primo que foi morto com 18, 17... Que morreu, né, não foi morto. Que morreu com 17, antes de completar 18... E



essas coisas... Eu sinto que a Perifanálise, internamente falando, acho que os efeitos dentro de mim, é essa junção, sabe? Essa junção mesmo de poder continuar e viva, viva com aquilo que te dá força, interesse, não morta, eu me sinto, eu me sinto viva, eu me sinto viva. E é por causa desses também. Tipo, é por causa daquilo que eu escutei, é por causa dessas pessoas também. Acho que é isso.

## CORTE

[VERÔNICA ROSA DA SILVA] Bom, meu nome é Verônica. Sou mãe do Victor, sou educadora social, psicóloga, psicanalista.

Meu percurso... Vou falar primeiro na assistência, onde eu conheci a psicologia, a psicanálise... Trabalhei 17 anos numa instituição que atualmente se chama Abrigo. E dentro dessa instituição eu passei por algumas situações na época, que agora não são tão difíceis como hoje, mas na época a gente recebia muita criança violentada e o caso que me fez pensar na psicologia primeiro foi um caso de um bebê de dias que eu recebi. Esse caso, eu lembro muito dele, eu fico muito nervosa pra lembrar, porque a criança não tinha nem um mês e ela tinha sido abusada. Quando eu recebo essa criança de uma assistente social – na época essas crianças passavam no abrigo depois da violência, né? Para tomar um banho e depois fazer a continuidade do procedimento pra onde elas iam. E eu recebi uma criança com menos de um mês com muita violência corporal e fui dar o banho, essa criança chorava muito e quando eu tava ali, limpando ela, passando lencinho, assim, meu corpo sentia muito como se fosse o corpo dela, então em alguns momentos eu tive algumas lembranças das próprias violências que eu vivenciei.

Então quando eu fui entregar essa criança de novo para a assistente social, eu entreguei e não consegui ficar no trabalho. Então, para quem trabalha como educadora social, são 12 horas a jornada e a minha jornada estava só começando. Eu lembro que era de manhã, não lembro o horário. E eu entreguei essa criança na mão da assistente social e do mesmo jeito que eu entreguei, eu peguei minha bolsa e fui embora. Porque eu não conseguia falar, não conseguia ter reações ali pra contar nem o que eu estava sentindo.

Fui embora e no plantão seguinte a minha gerente me ligou, perguntou o que estava acontecendo e eu contei a minha história, com violências também e aí ela me convidou para fazer



## PSICANALISTAS QUE FALAM

algumas consultas dentro da própria instituição com uma psicóloga. E aí eu aceitei e aí foi o primeiro contato com a psicanálise. E foi maravilhoso na época, eu resolvi muitas questões. Mas eu ficava com muita dúvida: “Nossa, que legal, né?”. E como educadora social a gente não tinha tanto acesso.

[02:10:05] E aí eu comecei a procurar, comecei a buscar e fui entender como que a psicologia, a psicanálise ajudava. E aí nos próprios atendimentos das crianças que eu levava, começou a ter alguns grupos de instituição fazendo esses atendimentos, ajudando... principalmente porque a região era uma região super boa e é até hoje, que é a região de pinheiros. Então as crianças faziam muitos atendimentos. E, como educadora social, eu levava eles. E aí eu tinha algumas dúvidas porque em relação a... porque eles eram muito agitados, então às vezes a gente ia no percurso, eles me contando um monte de coisas e por mais que a gente tinha uma afinidade, muitas coisas eu não dava conta, porque eu também não entendia. Quando eu chegava no consultório, eu percebia a diferença do comportamento deles, principalmente na fala. Eles iam super emotivos, super eufóricos e quando eles voltavam, eles voltavam mais tranquilos. E aí eu sempre ficava com a dúvida: “Mas por que será que eles saem dessa sala tão bem?”. E aí eu comecei a fazer as perguntas para os psicólogos: “Como é que faz? Como é que faz?”.

Mass na minha realidade, a psicologia em si, ela era muito para as pessoas de elite, então a minha possibilidade estava muito distante. Até que dentro dessa instituição eu comecei conversar com algumas pessoas e me falaram sobre o FIES e eu: “Ah, que legal, né?”. “Ah, mas você tem que fazer o ENEM”. E aí eu fiz assim o ENEM quatro vezes seguidas e as quatro vezes foi uma luta para conseguir estudar. Então eu ia e comprava na época – eu acho que nem tem mais hoje – umas revistinhas que tinha do ENEM. E a minha forma de estudar era essa, eu não podia pagar cursinho, não tinha acesso para pagar cursinho. Eu sou moradora da Zona Sul, depois do Jardim Ângela, bem lá no fundo, então o acesso para mim até hoje é com duas, três horas de ônibus e isso era impossível. Então quando eu prestei o ENEM, eu prestei com uma ousadia de que eu ia tentar, não de que eu ia conseguir.

Então, quando eu consegui meu primeiro ENEM, no segundo que eu consegui 100%, eu me inscrevi pra medicina, nada a ver, aleatório, porque eu achava que ia e passei.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Porém, a realidade de novo bateu na porta, né? As pessoas que me ajudaram a me inscrever, falaram: “Mas e aí, medicina, você precisa...” Eu não lembro qual foi a faculdade, mas acho que foi no interior: “Você vai precisar mudar pro interior”. E eu, mãe de uma criança de cinco anos, a realidade bateu à porta na hora. “E agora?”. E aí eu lembrei: “Psicologia, né?”. E coloquei Psicologia e aí eu consegui 100% da bolsa no FIES. E foi um surto quando eu vi, assim, a nota, porque eu não me achava capaz de conseguir 100% na época, porque muitas coisas eram contra, as pessoas também eram contra por eu ser educadora social, elas falavam que eu tinha que fazer assistência social por me dar muito bem com as crianças. Mas como a psicologia, a psicanálise impactou a minha vida pessoal, e aí eu falei: “Não, é psicologia”.

Então cursei a faculdade de Psicologia na Uninove da Barra Funda. Foi uma época muito difícil. Eu estudei, é difícil lembrar... Eu lia dentro dos ônibus, com os livros em cima, porque não tinha espaço. Então, muita das vezes que eu peguei o trenção pra Osasco, Grajaú-Osasco, eu tinha muita dificuldade para ler, porque era muita gente e às vezes não conseguia nem virar a página. Então eu chegava na faculdade e não conseguia acompanhar. E chegava sempre atrasada, porque eram três horas de viagem... Quando eu trabalhava à noite no abrigo era 12 horas de plantão para depois ir para a faculdade. E, durante os três anos, foi difícil, mas quando eu cheguei no estágio foi muito pior.

Eu me descaracterizei todinha quando fui fazer estágio na USP. Uma das coisas que me pegou foi os meus colaboradores pedindo para eu ficar à caráter da instituição e na época eu não entendia. Então foi explicado para a gente detalhadamente que a gente tinha que estar com algumas posturas e eu ainda não entendia. Então eu lembro que eu fiz a pergunta: “Mas que posturas?”. Então eles começaram a falar das nossas roupas, dos nossos sapatos, do nosso cabelo e na época meu cabelo era bem maior do que isso, cacheado, muito maior.

[02:15:30] E, no meu entendimento, principalmente da forma que foi colocado, eu era a única com esse design corporal e eu também acabei saindo de lá muito confusa, porém isso me fez alisar o cabelo.

E uma coisa que eu preciso contar que é da roupa, né? Tinha uma questão com sapatilha, então por eu morar muito longe eu sempre ia de tênis e dentro do estágio da USP eles pediram para eu ir de sapatilha. Então eu trabalhava 12 horas e tinha que chegar na USP e enfiar o meu pé numa sapatilha, só que meu pé estava muito inchado. Então eu lembro de fazer os

## PSICANALISTAS QUE FALAM

atendimentos com o pé doendo e aí eu lembro de eu pensar: “O que está doendo mais, é a minha escuta ou é o meu pé”? Porque as escutas lá também não foram fáceis, a gente estava escutando a galera que... acho que era o começo das escolas de escultadores, assim, eu recordo que a galera que ia para lá, a maioria era médico, tinha até psicólogo... Depois a gente começou a atender os próprios funcionários... E o estágio em si foi muito bom, mas as condições para estar lá era horrível e na época eu não entendia.

Depois que eu consegui cursar esse estágio, é engraçado, foi no final da faculdade, no dia da minha formatura eu me sentia muito mal e uma hora antes de eu chegar na formatura, eu estava me arrumando e olhava pro meu cabelo e falava: “Cara, essa aqui não sou eu, não sou eu, não sou eu, não sou eu”... Eu fui e fiz o tal famoso *big chop*. Eu só fui lá e cortei meu cabelo e cheguei na formatura com o cabelo bem baixinho, como se fosse de homem. Mas no meu banho eu passava a mão e eu me sentia muito livre. E ali eu lembrei da minha primeira conversa com os coordenadores pra poder fazer o trabalho lá na USP, que era para eu estar “apresentável”. Então quando eu passava a mão na minha cabeça, eu descobri essa palavra com outro sentido: “apresentável”. E aí eu chorava, assim, dentro do banheiro.

Quando eu cheguei na faculdade, as pessoas me olhavam assim: “Meu Deus, que você fez?”. Porque o cabelo era na bunda e eu literalmente cortei. Eu não sabia nomear aquilo que eu fiz, eu só falava: “Pessoal, gente, eu tô me sentindo livre”.

E eu tenho um professor, assim, o nome dele é Adalberto Botarelli, ele foi o único professor branco que em toda a minha faculdade ele me apoiava, me ajudou com muitas coisas. Na formatura, a gente foi um dos últimos a chamar, o meu nome por ser Verônica é o último, e eu fui literalmente a última de nove grupos de psicologia. Então eu vi todo mundo passar e eu ser a última. Quando eu estava chegando lá para chamar, ele me vem com uma flor assim e me cumprimentar por aquele meu ato e eu desabei lembrando do processo – e ele tava no processo da USP e ele sabe o que aquilo ali significava. E aí ele vira para mim e fala que estava muito orgulhoso da minha coragem e da minha trajetória. E fez muita diferença ele falar aquilo ali pra mim, porque os meus colegas mesmo eles não entendiam e nem eu entendia o que eu tinha feito.

Quando eu termino a faculdade eu continuo como educadora social, fui convidada pelas instituições para trabalhar, porque eu tinha 17 anos na área, muita prática com as crianças e fazia



## PSICANALISTAS QUE FALAM

um trabalho também com outras crianças em instituições em situação de rua que ainda faço até hoje. E dentro desse convite, dentro dessa prática, eu fui aprendendo muita coisa, como lidar com as crianças no improviso, então muitas brincadeiras antigas que a gente resgatava, que eu conseguia resgatar, rodas de conversas... Então, era uma prática muito comum. Então eu tinha muita facilidade.

[02:20:03] Então eu saí da faculdade e não atuei como uma psicóloga, mas sempre pensava na psicanálise e continuava a minha análise com uma psicanalista. Eu acho essa parte muito interessante, porque todas as pessoas que eu passei eram psicanalistas e eu não me ligava nisso.

No ano que eu fiz a faculdade, eu estava muito triste comigo mesma, porque eu adoro ser educadora social, mas eu queria atuar, só que não tinha possibilidades, porque as salas eram muito difíceis de pagar, então eu não me via com escritório [consultório]. Então que eu passei um ano ali ainda tentando atender, fui trabalhar em convênio. E foi uma época também muito difícil, porque o convênio em si tem uma lógica muito cruel, tanto para quem está trabalhando, quanto para quem está sendo atendido. Então eu atendia a cada meia hora, era cronometrado e o valor era surreal pelos atendimentos. Mas eu precisava estar. E eu comecei a atuar, fiquei seis meses e muito incomodada com aquilo. E aí, conversando com esse mesmo professor que estava me auxiliando depois da faculdade, eu falava pra ele: “Mas eu não consigo atuar”. E ele vai me falando algumas coisas: “Busca aquilo que faz sentido para você”. E através da fala dele eu entrei no *Google*, coloquei lá “psicanálise” e “periferia” e me aparece a Perifanálise.

E aí eu entrei, já aparece ali a faixazinha do Instagram, eu entrei. E quando eu entro, que eu vejo todo design assim, eu falei: “Cara, eu não acredito que isso existe, não acredito que existe alguém falando de psicanálise – psicologia na época para mim – e periferia”. Então quando eu entro, eu mando uma mensagem pedindo para estudar, para conversar, desesperada, assim, mandei um áudio enorme também, fora a mensagem. E daí quem me responde foi a Emília, ela fala: “Nós não estamos fazendo nenhuma conversa agora. A gente faz isso de tempos em tempos, a gente vai mandar um link, então fique atenta”. E passam uns quatro, cinco meses e eu toda hora lá olhando o que eles estavam fazendo, porque dialogava muito com aquilo que eu queria falar e eu via uma possibilidade de atuação que estava acessível para mim.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Vem a pandemia, né? E é feita essa transmissão – que na época era chamada de transmissão – e eu entro na sala e tem 110 pessoas nessa sala e eu falei: “Meu Deus do céu”. Só que o diálogo ele era tão comum que eu me senti parte daqueles 100. E fiquei, a gente ficou acho que até uma hora da manhã nessa conversa. Depois dessa conversa, a gente foi chamado para fazer parte de grupo de estudos. Então começamos a fazer parte do grupo de estudo, só que para mim era muito mágico pela forma de conversar, do jeito que as pessoas iam falando da psicanálise.

Então, dentro da faculdade, eu não tive esse acesso à psicanálise, eu tive dois semestres com pouquíssimas aulas e nessas aulas eu gostava tanto que eu me lembro que eu não estudava elas como eu estudava as outras, eu conseguia prestar atenção e quando eu ia fazer as provas eu só passava, mas eu não conseguia ter afinidade porque era muito rápido, então eu gostava, mas não era uma matéria que estava ali sempre presente.

Então quando eu saio, que eu encontro a Perifanálise, o diálogo sobre a psicanálise para mim foi muito acessível. Um dos primeiros livros que a Perifanálise começa a comentar e começa a falar e que me causou, assim: “Eu preciso conhecer esse livro”, foi de Lélia Gonzalez. E aí, dentro dessas primeiras conversas. E aí eu corri e fui comprar o livro. Eu falei: “Mas tem alguém que fala de psicanálise acessível, assim como eles estão falando?”. E aí eu quando li o livro, assim, foi uma mistura de terapia, de história de vida, de me reencontrar... Foi um livro muito difícil de ler ele a primeira vez, porque eu lia e eu chorava muito. E aí eu me descobri uma pessoa preta. E também foi difícil, porque eu não sou preta retinta, então causou muita angústia: “Eu sou preta? Eu sou preta...”

Então no decorrer do livro eu descobri que eu era uma preta de pele clara, mas quando eu descobro isso, o dia para mim foi muito difícil, porque eu estava conversando com uma pessoa para participar de um grupo e a pessoa vira para mim e fala: “Você se auto declara?” e aí eu começo a chorar, porque eu tinha acabado de ler o livro.

[02:25:30] E aí eu não conseguia falar pra pessoa. E a pessoa vira para mim e fala: “O que é que está acontecendo?”. E aí eu conto para ela, eu falo: “Olha, eu tô lendo o livro de Lélia Gonzalez, eu terminei de ler agora e eu me identifiquei como uma pessoa preta, mas eu não tinha expressado isso e você me pergunta e eu também não consegui expressar na fala, mas veio a emoção de me identificar como uma pessoa”. E ali era para eu participar de um curso prático e



## PSICANALISTAS QUE FALAM

eu ia participar de uma seleção e aí a pessoa vira para mim e fala: “Não, você já passou, não precisa mais nem contar mais nada, porque isso que aconteceu aqui foi emocionante”.

Na época eu chorei muito, assim, porque foi difícil. Até pouco tempo atrás eu chorava falando sobre isso. Mas me ajudou muito no processo de conhecer a psicanálise, de conhecer a minha própria pessoa, de conhecer o movimento negro. E aí eu retomo muito a minha lembrança sobre a faculdade quando eu começo a ler esse livro, que eu não tive acesso a livros que falassem da psicanálise como Lélia colocou. E sempre foram muito distantes, tudo o que foi colocado para mim na faculdade, então os autores eram muito distantes, ter livro era muito distante, era tudo em PDF. Para mim, acessar o PDF também era difícil, porque eu tinha que ler nos ônibus, então tudo o que eu pegava era emprestado. Então, terminar a faculdade pra mim foi um momento de muita luta e depois escolher em que área eu ia trabalhar foi mais difícil ainda. Mas quando a Perifanálise me apresenta uma psicanálise acessível para mim, eu entendi onde eu cabia.

E foi muito bonito, porque eu chego aqui vindo da Zona Sul, né? Então eu atravesso a cidade até hoje pra vir para cá, mas eu atravesso com muito prazer, porque hoje eu consigo fazer a minha clínica, onde eu trabalho, onde eu resido e aprendi a olhar pro meu território como jamais eu tinha aprendido em lugar nenhum. Então hoje eu aprendo a olhar para as pessoas no território e olhar para elas e entender o saber delas. E nunca foi me ensinado isso em nenhum momento da faculdade. Então eu acho que pra mim é muito valioso estar na Perifanálise, porque todo o meu percurso histórico, de uma pessoa que veio da periferia, nunca teve acesso na faculdade... E aqui hoje eu consigo ter acesso.

Então hoje eu também tô no grupo Amma Psique, acabei de sair da aula, nunca tinha tido acesso.

Então hoje o acesso que a Perifanálise me dá. Eu sempre falo para as meninas: “A palavra “acesso” para mim é muito cara e ao mesmo tempo ela é muito sofrida, porque eu ainda tenho essa dificuldade”. Mas hoje as portas são outras, hoje tem possibilidade, hoje eu consigo enxergar a minha possibilidade e a possibilidade dos meus analisantes, que também alguns são periféricos, nem todos são, mas alguns são. E saber que eu consigo escutar essas pessoas de uma forma tranquila assim como eu não fui escutada, porque não tinha o viés de escutar a periferia e hoje tem. Então eu me sinto acessando lugares.



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

Tenho muito ainda por fazer, muito para conhecer dentro da psicanálise, muito, muito. Mas hoje eu identifico que eu tenho lugar e antes não tinha.

Eu acho que isso que me deixa sempre perto da Perifanálise e que me faz atravessar a cidade. Então hoje mesmo eu atravessei, mas é muito prazeroso estar aqui. Então eu saio daqui e eu sempre aprendo uma coisa nova, a gente está sempre conversando, a gente está contando: “Olha, vai ter um curso aqui, vai ter um curso ali, entra”... E tudo o que eu não tive antes. Eu não tinha ninguém para falar: “Olha, esse aqui é acessível para você, esse aqui dá para você fazer”, porque tudo na psicanálise é pago e não é barato!

[02:30:05] E dentro da Perifanálise a gente consegue fazer alguns outros furos que dá para acessar. Então, se eu acesso, outras pessoas também lá na frente, espero que a gente consiga fazê-las acessar. Essa é a ideia, de a gente conseguir todos nós acessar a psicanálise, que é a ideia primordial da psicanálise.

Acho que é isso. Acho que é difícil contar a história, porque acho que tem tanta coisa que falta contar. Mas acho que a Perifanálise para mim, eu fecho com a palavra acesso. Acho que é isso.

[HEIDI TABACOF] Obrigada Verônica.

[VERONICA ROSA DA SILVA] Pronto?

Ai, gente que difícil!

CORTE

[HEIDI TABACOF] Te escuto.

[JEFFERSON SANTOS PINTO] É... Curioso estar aqui. Não vim com nada preparado, mas... É curioso isso que na clínica, quando eu atendo muitos analisantes falam isso: “Não sei o que falar hoje”, acho que é um pouco essa sensação.

Meu nome é Jefferson Santos Pinto, filho do Valter Mariano Pinto, da Alda Santos Pinto, do meio de dois irmãos, Gilmar e Rafael, o mais quieto dos filhos, o mais tranquilo. Pelo menos é o que minha mãe dizia – diz ainda, tá viva. Nasci no Brás, mas morei minha vida toda aqui em



São Mateus. Até hoje minha mãe tem a casinha que quando chegou de lá do interior da Bahia construiu junto com meu pai.

Aqui em São Mateus tive muita vivência...

Curioso, parar pra falar disso.

Sempre fui muito intrigado assim na... na questão do humano.

Meu pai, é trabalhador braçal, sempre me levava para trabalhar junto com ele. E, sei lá, sinto que ele trabalhava demais.

Minha mãe... minha mãe sempre cuidou da gente, foi mais de dentro de casa.

E aí os momentos que tinha com meu pai era no trabalho. Chegava do trabalho... E de alguma forma o trabalho braçal ele não me atraía, eu achava enfadonho, maçante... E ao mesmo tempo meu pai trabalhava na casa de gente rica.

[02:35:05] E era curioso, assim, porque não sei se essas pessoas, as pessoas ricas, elas estavam trabalhando ou não, mas eu sempre tive a impressão de que elas, enquanto meu pai trabalhava, elas descansavam.

É curioso isso, porque eu também queria descansar, não queria estar trabalhando.

E sempre era construção civil, né? Então ficava ali, meus irmãos também iam trabalhar, ficava ali inventando coisas com peça, brincando na areia, enfim... Era bastante inventivo, assim. Por um lado era bom, assim, porque ficava brincando, ficava mais próximo dos meus irmãos, meu pai botava todo mundo pra trabalhar junto com ele.

Mas crescendo eu entendi que não queria aquilo. Tinha algo ali que... Queria descansar. Sei lá, o descanso parecia custar caro.

Eu fiz o Ensino Médio... A minha trajetória escolar inteira foi aqui em São Mateus também, no Rivadavia.

É louco isso, porque quando eu fui pro Ensino Médio, aí eu fui pra uma escola no Tatuapé, dizia que lá era uma boa escola, então, enfim, fui. E lá eles já tinham a percepção do que eles iriam fazer depois da escola e eu achava meio maluquice assim, porque eu estava louco pra terminar o Ensino Médio e aí chega, acabou a escola.

Mas aí eu fui entendendo que era importante continuar esse lugar do estudo. De alguma forma se aproximava mais de um lugar do descanso do que de um lugar de um trabalho. E fui muito fascinado assim desde o início por essa questão mais do humano, pensar sobre o porquê



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

das coisas. E aí sempre me interessei por filosofia. Só que aí, conversando, entendendo: filósofo aqui no Brasil, ele é muito desrespeitado enquanto profissão, enquanto profissional, não enquanto seu ofício, mas enquanto profissional, ele é desrespeitado demais. De alguma forma eu pensei que a psicologia fosse mais respeitada... E também tinha mais campo de trabalho.

E aí, depois do ensino médio, eu fui, prestei o SISU, prestei o ENEM que deu a pontuação pro SISU, do SISU eu fui parar na Federal do Piauí, que quando eu estudava lá se chamava UFPI, agora tem um outro nome, porque é do Delta do Parnaíba agora, não é mais federal do Piauí. E aí eu fui fazer psicologia lá.

[02:40:25] E era engraçado porque eu ficava lendo, aquela rotina de leitura massacrante assim, 300 páginas por semana, para alguém que não tinha o hábito de leitura, lia uma coisa ou outra, muito romance. De repente você: “Pá: livro técnico”. Psicologia é isso: técnica, sem romance. E é curioso isso, que estudando... É complicado eu dizer isso, mas era quase que eu estar estudando era um privilégio.

O curso era integral, tava lá no Piauí, basicamente era estudar. Trabalhava também, ganhava bolsa. Eu acho que era PRAEC o nome da bolsa, não lembro, alguma coisa assim, era tipo uns 280 reais. E trabalhava para complementar a renda, mas era mais descanso do que trabalho.

Fui em 2011 para lá. Foi no período da greve geral das federais. Então eu fiquei um longo tempo em greve. Foi bom e foi ruim. Foi ruim porque eu estava fora da sala de aula, então, assim, né, lia, fazia grupo de estudo, ficava naquela onda ali de dar uma continuidade por si ali, pelo que faltava, né? Mas ao mesmo tempo estar em greve não é só você estar em casa, você tem que estar... Então tinha os piquetes dos professores e aí agitava de ir e fazer... Sei lá, a gente fazia paralisação na facul e exigia... A Federal do Piauí era muito precária, muito precarizada, então assim, toda semana a gente fazia paralisação pra alguma coisa. Toda semana tinha alguma onda assim de: “Vamos parar pra exigir...”. Que de alguma forma também era uma forma de estudar, era uma base ali, uma exigência, né?

E fui pegando ali, eu acho, que um macete de entender o que é direito, o que é privilégio. E mesmo sendo muito quieto, eu venho do RAP, então sempre muito bocudo: fala, fala, fala. Então exigia, queria organizar e iniciar alguma coisa, né? Ou pegar o bonde e fortalecer.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas sempre era uma sensação de descanso. Tanto é que minha casa ela era engraçada, ela tinha uma cama e uma rede no mesmo quarto e eu ficava muito mais na rede do que na cama para ler. E esse hábito eu tenho até hoje. Onde eu moro tem uma rede, sabe? Muito de uma cultura piauiense. É engraçado que eu não voltaria para lá, mas sinto saudade.

[02:45:25] Foi um tempo legal.

Mas na conjuntura da greve eu sentia uma certa falta da sala de aula, do professor, daquela coisa mais metódica. E aí foi até engraçado assim que eu pedi a baixa da minha matrícula, porque eu tinha feito o ENEM de novo e aí com bolsa, consegui ir pro Mackenzie. Que daí: “Ah, Mackenzie e tal”. E aí quando fui fazer a baixa, assim, a secretária falou: “Nossa primeira vez que alguém pede isso”.

E aí saí de lá, fui para o Mackenzie. E aí no Mackenzie era: “Meu Deus!”. Lá no Piauí falava sobre o racismo e percebia ele, já tinha algum embasamento do próprio rap, então eu já sabia identificar de onde vinha a violência. E no Mackenzie era só violência.

E aí fui tendo uma dimensão do quanto é público, privado, uma instituição de todos, uma instituição de brancos... Mas mesmo assim não me abati. Fiz o curso, sei lá, tirava minhas notas. Teve um tempo que viajei nessa daí de ter que provar. Então tirava nove, nove e meio, dez, pra provar. Provar para quem, né? Sei lá, provar para quem não me quer lá.

Mas fiz o curso. E aí eu fui para o mercado de trabalho, né? E aí assistência social... Nesse ínterim de estágios, por exemplo, eu fui fazer estágio na Defensoria Pública e aí fui fazer bem no Departamento de Combate e Enfrentamento ao Racismo. Foi bom. Mas aí também você vai vendo as estruturas daquilo que é de todos, também não funciona para todos, sempre falhando, sempre aquela coisa morosa que não resolve, não resolve nem no macro, nem no micro.

Saí de lá, fui para assistência social. Assistência social era um lugar onde parecia ser um campo na prática. Então, se no campo da justiça parece ser algo moroso e sempre muito abstrato, e quando se tem o contato que era muito do campo do psicólogo na Defensoria Pública, quando se tem o contato, parece ser muito mais um azeitamento das engrenagens racistas do que a destruição delas.

E tanto que, que eu me lembre, tinha lá uma coisa que era, na Defensoria Pública, que era um acordo extrajudicial, alguma coisa assim, porque nos acordos judiciais se demoravam cinco anos muitas vezes para você perder a causa. Então uma coisa de tipo: “Olha, vamos ver o



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

que a gente pode fazer aqui no meio do jogo”... Não por culpa dos defensores, nem dos psicólogos, assistentes sociais, mas é moldado para ser assim.

[02:50:35] Mas, enfim, aí fui para assistência social e desse tempo eu tinha uma certeza que ali, no campo prático, poderia ser um pouco mais proveitoso assim, do quanto eu caminhei. E na verdade não, porque também era engessado. E aí você vai vendo que qualquer lugar, assim, onde o estado ou o *playboy* toca, ele vai ser branco, ele vai ser pauperizador, empobrecedor...

E aí eu lembro que trabalhando na mesma ONG que a Meire e a Paula, tava tendo uma confraternização da ONG, assim, e elas me chamam pra estudar junto, estudar psicanálise: “Ah, bora!”. A gente começou como um grupo de estudo que não tinha esse nome Perifanálise, era só um grupo de estudos sem nenhuma pretensão, mas a coisa foi andando de tal forma que aí eu: “Putz, vou clinicar”.

Isso daí foi em 2018... 2018. Já no final de 2019 eu estava clinicando aqui. E é isso, né? É curioso.

Aí eu lembro que eu não estava no dia que um amigo nosso, o Anselmo, que era um dos que cuidavam daqui do espaço da organização, foi trocar ideia com a Paula e a Meire e não sabia o que era análise, psicanálise, nada disso e aí elas duas explicando, aí ele: “Tipo análise da periferia, né?”. E foi isso. Aí ele mesmo dá o nome e estamos aí, num campo de trabalho.

E o mais curioso é que, assim, Perifanálise ela tem seus momentos que ela expande e retrai, expande e retrai.

Mas tá viva, é isso.

[HEIDI TABACOF] Aqui estamos.

[02:55:10] [JEFFERSON] Aqui estamos.

[HEIDI] Obrigada Jefferson.

[JEFFERSON] Obrigado Heidi.

[HEIDI] Cortou?

FIM



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #11 – Coletivo Perifanálise

FICHA TÉCNICA

Duração: 178'

Ano de Produção: 2023

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Heidi Tabacof e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas T. Waks

Direção de fotografia: Cauê Steinberg

Câmeras e Som direto: Cauê Steinberg e Fernanda Cristiane

Edição: Fernanda Cristiane

Design gráfico: Julio Dui\_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas Tabacof Waks

Realização: Tupi produções

[www.psisquefalam.com](http://www.psisquefalam.com)



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam